

A CASA PÁTIO COMO UM MODELO DE HABITAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Francisco Luís de Brito Tavares

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
Mestrado Integrado em Arquitetura



Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

Portimão, Setembro de 2014

FRANCISCO LUÍS DE BRITO TAVARES

**A CASA PÁTIO COMO UM MODELO DE HABITAÇÃO
CONTEMPORÂNEA.**

Dissertação defendida em provas públicas no Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, no dia 24/10/2014 perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº. 17/2014, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof.^a Doutora Ana Paula Parreira Correia
Rainha

Vogais:

Prof. Doutor Luiz Filipe Pires Conceição
(Arguente)

Orientador:

Prof. Doutor Miguel João M. Amaral Santiago
Fernandes

Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes

Portimão

2014

RESUMO

O presente exercício consiste num estudo teórico-prático, no âmbito de um trabalho final de mestrado, conducente ao grau de Mestre. Um trabalho com projetos originais, especialmente realizado para este fim, que visam demonstrar que a teoria e prática devem estar unidas na criação de um projeto de arquitetura.

Tem como objetivo demonstrar que a casa-pátio apesar da sua longa história e utilização continua a ser uma tipologia contemporânea. Para esse efeito foram criadas unidades habitacionais autónomas de tipologia casa-pátio, inseridas em edifícios de habitação plurifamiliar. Deste modo ao promover novas lógicas de execução, procura-se contribuir para a resolução dos problemas das sociedades contemporâneas no contexto de uma forte densificação e saturação populacional.

Estudou-se a organização da habitação em torno de um vazio nuclear com o objetivo de perceber a importância de um pátio, e de como uma habitação se pode desenvolver em torno deste. Entender o vazio enquanto elemento organizado, unificador, que expressa espacialmente o sentido de intimidade e proteção.

Nestas propostas a casa e o pátio formam um todo inseparável, em que o pátio ocupa a sua posição central enquanto elemento organizador do espaço da habitação.

O presente trabalho deve ser entendido como um elemento de experimentação de curta duração, inserido num contexto académico, que pretende ser um contributo para a resolução da problemática habitacional.

Palavras-chave: casas pátio; habitação plurifamiliar; estudos tipológicos comparativos; centros urbanos; Lisboa; Portimão.

ABSTRACT

This exercise consists of a theoretical study and practical, in the framework of a final work of masters, leading to a Master's degree. A work with original projects, specially made for this purpose, which attempt to demonstrate that the theory and practice must be united in the creation of an architectural design.

Aims to demonstrate that the home-courtyard despite its long history and use continues to be a contemporary typology. For this purpose were created housing units autonomous typology home-courtyard, inserted in buildings multifamily housing. Thus promoting new approaches to implementation, in order to contribute to solving the problems of contemporary societies in the context of a strong densification and saturation population.

We studied the housing organization around an empty nuclear with the objective to understand the importance of a courtyard, and as a dwelling that can develop around this. Understand the empty element as organized, unifying, who expressed spatially the sense of intimacy and protection.

In these proposals the house and the patio form an indivisible whole, in that the courtyard occupies a central position as organizing element of the living space.

The present work should be understood as an element of experimentation of short duration, inserted in an academic context, which is intended to be a contribution to the resolution of housing problems.

Key-words: Courtyard houses; multifamily housing; comparative typological studies; urban centers; Lisbon; Portimão.

ÍNDICE

RESUMO	2
ABSTRACT	3
I. INTRODUÇÃO	7
II. METODOLOGIA	9
III. OBJETIVOS	11
IV. CASAS PÁTIO	13
1. Estado da Arte	13
2. História	14
2.1. Enquadramento tipológico milenar de habitação	14
2.2. A evolução da Casa-Pátio ao longo da história	18
3. Contemporaneidade da casa pátio	29
4. A casa-pátio enquanto Habitat Intermediário	31
5. Estudos tipológicos da casa pátio	33
5.1. Immeuble villa por Le Corbusier, de 1922	33
5.2. Complexo de Habitacional de Fukuoka, no Japão de 1991 do Rem Koolhaas	35
V. PROJETO	39
1. Introdução	39
2. Caso prático em Lisboa - Edifício com dois apartamentos	40
3. Caso prático em Lisboa - Edifício com três apartamentos	51
4. Caso prático em Portimão	60
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
VII. BIBLIOGRAFIA	74

ÍNDICE IMAGENS

Fig. 1 - Diferentes entradas e acessos até ao interior do pátio. (Schoenauer, 2000, p. 97)	16
Fig. 2 - Vale entre o Rio Tigre e Eufrates (Schoenauer, 2000, p. 100).....	18
Fig. 3 - Planta da Casa-Pátio em Ur na transição do III ao IV século a.C. (Blaser, 2004, p. 10)...	19
Fig. 4 - Planta e Corte da Casa-Pátio de Ur (Meninno, s.d.) Fonte: http://www.didato-meninno.com/pub/LabProg3b_2009_lezione_Casa_patio_Meninno.pdf	19
Fig. 5 - Quarteirão de Ur. (Schoenauer, 2000, p. 103)	19
Fig. 6 - Quarteirão em Kahun (Schoenauer, 2000, p. 110).....	20
Fig. 7 - Casa típica de Deir el Medina (Schoenauer, 2000, p. 111).....	20
Fig. 8 - Colonia de casas com pátio na China (Blaser, 2004, p. 14)	21
Fig. 9 - Reconstituição tridimensional e planta da Casa-Pátio em Dystus.	22
Fig. 10- Planta da Casa Grega por Vitruvius (Schoenauer, 2000, p. 129).....	23
Fig. 11- Casa de Olynthos "The House of many Colors" (Schoenauer, 2000, p. 131)	23
Fig. 12 - Corte longitudinal de uma habitação de Pompeia. (Schoenauer, 2000, p. 137).....	24
Fig. 13 - Reconstrução tridimensional ideal de uma Domus.....	25
Fig. 14 - Planta da cidade de Pompeia. (Schoenauer, 2000, p. 139).....	26
Fig. 15 - Plantas das casas 6 e 7 de Pompeia. (Schoenauer, 2000, p. 140)	27
Fig. 16- Planta da Catedral de Santiago de Compostela (Capitel, La arquitectura del patio, 2005, p. 22)	28
Fig. 17- Plantas e Alçado de uma casa-pátio em Southampton. (Schoenauer, 2000, p. 262)	28
Fig. 18- Perspetiva do edifício Immeuble villa do Le Corbusier	33
Fig. 19 - Alçado do Edifício Immeuble villa do Le Corbusier	33
Fig. 20 - Planta do Edifício Immeuble Villa do Le Corbusier.....	34
Fig. 21 - Perspetiva do Edifício Immeuble Villa do Le Corbusier Fonte: http://sannamerilainen.files.wordpress.com/2014/03/immeuble_perspective1.jpg Acedida a 31/03/2014	35
Fig. 22 - Plantas e Cortes tridimensionais das habitações Nexus House	36
Fig. 23 - Corte das habitações Nexus House	37
Fig. 24 - Fotografia da fachada das habitações Nexus House Fonte: http://architecturalmoleskine.blogspot.pt/2011/10/rem-koolhaas-and-others-nexus-world.html ; Acedida a 09/09/2014	37
Fig. 25 - Vista Tridimensional das habitações Nexus House	38
Fig. 26 - Ortofotomapas com indicação da área de intervenção proposta.	40
Fig. 27 - Planta com levantamento das cêrceas com indicação da área de intervenção.....	40
Fig. 28 - Fotografia do Alçado Frontal do terreno existente.	40
Fig. 29 - Planta Piso 0 Proposta dois apartamentos.....	42
Fig. 30 - Representação Tridimensional do corredor de acesso aos quartos no Piso Térreo.	43
Fig. 31 - Representação Tridimensional do interior dos quartos do piso térreo.	43
Fig. 32 - Planta Piso 1 Proposta dois apartamentos.....	44
Fig. 33 - Planta Piso 2 Proposta dois apartamentos.....	45
Fig. 34 - Planta de Cobertura Proposta dois apartamentos.....	46
Fig. 35- Corte A/A Proposta dois apartamentos	47

Fig. 36 - Corte B/B Proposta dois apartamentos.....	47
Fig. 37 - Corte C/C Proposta dois apartamentos.....	48
Fig. 38 - Corte D/D Proposta dois apartamentos	48
Fig. 39 - Imagem do quadro do pintor Piet Mondrian, Rhythm of Black Lines	49
Fig. 40 - Alçado Principal Proposta dois apartamentos	49
Fig. 41 - Modelo Tridimensional do piso 0	50
Fig. 42 - Modelo Tridimensional Alçado Principal.....	50
Fig. 43 - Planta Piso 0 Proposta três apartamentos	51
Fig. 44 - Planta Piso 1 Proposta três apartamentos	52
Fig. 45 - Planta Piso 2 Proposta três apartamentos	53
Fig. 46 - Planta Cobertura Proposta três apartamentos	54
Fig. 47 - Corte A/A Proposta três apartamentos.....	55
Fig. 48 - Corte B/B Proposta três apartamentos.....	55
Fig. 49 - Corte C/C Proposta três apartamentos	56
Fig. 50 - Corte D/D Proposta três apartamentos	56
Fig. 51 - Planta Tridimensional Piso 0 Proposta três apartamentos	57
Fig. 52 - Planta Tridimensional Piso 1 Proposta três apartamentos	57
Fig. 53 - Planta Tridimensional Piso 2 Proposta três apartamentos	58
Fig. 54 - Planta Tridimensional Alçado Principal Proposta três apartamentos.....	58
Fig. 55 - Planta Tridimensional Alçado Posterior Proposta três apartamentos.....	59
Fig. 56 - Planta Tridimensional Alçado Posterior Proposta três apartamentos.....	59
Fig. 57 -Ortofotomapas com indicação da área de intervenção proposta. FonteE: Google Acedida a 02/07/2014.....	60
Fig. 58 - Fotografia do Alçado Frontal do terreno existente.....	61
Fig. 59 - Planta Piso 0	62
Fig. 60 - Planta Piso 1	63
Fig. 61 - Representação tridimensional do Piso 0	64
Fig. 62 - Corte tridimensional.....	64
Fig. 63 - Corte tridimensional.....	65
Fig. 64 - Representação tridimensional do Piso Térreo	65
Fig. 65 - Vista das portas interiores.....	66
Fig. 66 - Pormenor das portas interiores.	66
Fig. 67 - Planta tridimensional Piso 1	67
Fig. 68 - Corte Tridimensional	67
Fig. 69 - Estudo do Sol no Solstício de Verão às 09.00hr	68
Fig. 70 - Estudo do Sol no Solstício de Verão às 13.00hr	68
Fig. 71 - Estudo do Sol no Solstício de Verão às 17.00hr	68
Fig. 72 - Imagem Tridimensional da implantação.	69

I. INTRODUÇÃO

A dissertação de Mestrado intitulada “A Casa Pátio como uma Forma de Habitar Contemporânea” tem como objetivo desenvolver uma pesquisa baseada na componente de projeto, onde recorrendo aos princípios “normativos” utilizados na casa-pátio, se realiza habitações de tipologia plurifamiliar como unidades autónomas de habitação. Neste contexto, investigar o interior da habitação em torno de um vazio nuclear, ou seja, em torno de um pátio, tem como principal objetivo perceber a importância do pátio na conceção de alojamentos coletivos. Entender este vazio como um espaço essencial, organizador e unificador; reconhecer e reposicionar esta tipologia habitacional, no processo de produção de habitação urbana, particularmente em conjuntos urbanos densamente povoados. Deste modo, ao compreender o mecanismo do pátio e a sua capacidade de adaptação e respetivo desenvolvimento conceptual, o pátio pode organizar, delimitar e influenciar o espaço construído, melhorando simultaneamente a vivência do espaço, assim como, a qualidade de vida dos habitantes.

Assim, a tipologia de Casa Pátio, vai no contexto desta investigação surgir como um novo modo de requalificação urbana, tendo particular impacto em cidades densamente povoadas, centros urbanos degradados e ao abandono, habitações insalubres e com pouca luz, onde a organização espacial das habitações existentes não responde às novas exigências da população.

Na casa, o pátio ocupa uma centralidade formal, servindo assim como um componente essencial na ordenação do espaço arquitetónico. Essa forma de habitar milenar tem sofrido uma evolução ao longo dos tempos, tanto na sua condição espacial como funcional, onde a sua condição de centralidade de distribuição foi substituída por outras divisões domésticas. Antón Capitel no seu livro “La arquitectura del pátio” (2005) fala-nos que a ordenação em torno de pátios já não ocupa uma posição que poderia descrever-se em absoluto como principal e nem sequer como significativa; contudo, e contra o que poderia esperar-se, não deixou de existir de todo. Transformou-se por completo noutra

situação que havia sido no passado, mas essa transformação pode dizer-se que tomou uma nova vitalidade, ainda apesar do seu emprego minoritário.

O pátio é agora entendido como um elemento que não é essencial na organização dos sectores funcionais da habitação, embora sempre presente no nosso *modus vivendis*, mas de certa forma esquecido ou entendido como de difícil aplicabilidade devido às contingências urbanas do nosso tempo.

Desta forma, propõe-se uma reinterpretação deste vazio arquitetónico passando por duas propostas onde os pátios são considerados essenciais na definição e distribuição dos espaços, sem que os mesmos percam a sua lógica morfológica, e conferindo simultaneamente ao espaço habitado uma identidade independente do contexto urbano da envolvente em que se encontram.

II. METODOLOGIA

A presente investigação, constituída por duas fases, uma teórica e uma prática, encontra-se organizada em três capítulos gerais intitulados como Requalificação Urbana, Casas-Pátio”, e Componente Prática.

No contexto da investigação e respetivos objetivos, as referências bibliográficas apresentadas, e recolhidas através do acesso a bibliotecas e mencionadas em pesquisas/trabalhos de diversos autores disponíveis na internet, resumem-se à leitura e análise de dissertações de doutoramento e de mestrado que incidem e revelam um particular interesse para o desenvolvimento dos temas abordados na investigação.

A metodologia adotada parte assim de uma componente de cariz teórico, onde num primeiro momento com o título Requalificação Urbana se reflete sobre a atualidade dos centros urbanos, ou seja sobre a problemática verificada em centros urbanos densamente povoados, nomeadamente os de Lisboa e de Portimão, assim como as exigências habitacionais em centros urbanos e a habitação coletiva contemporânea. O estudo destes temas serve como base introdutória para a compreensão de todo um problema atual: os centros urbanos degradados e ao abandono, e habitações insalubres e com pouca luz.

Neste capítulo também serão abordadas as exigências habitacionais em centros urbanos e a habitação coletiva atual.

O capítulo dois irá ter o título de Casas-Pátio, onde inicialmente será analisada a importância histórica da casa pátio e o seu desenvolvimento, procurando assim o seu enquadramento tipológico enquanto habitação milenar. De seguida irá ser abordado a questão da contemporaneidade da casa pátio e os modos de habitar onde serão mencionados temas como a apropriação do espaço interno, a luz e estudos tipológicos atuais da casa pátio. E, por último, neste capítulo vão ser apresentados dois casos de estudo, um de Le Corbusier, que em 1922 criou um projeto conceptual chamado as “Immeuble villa”; e o segundo de Rem Koolhaas, Complexo de Habitação em Fukuoka, realizado em 1991 no Japão.

A escolha deste caso de estudo prende-se à necessidade de observar e analisar um caso prático onde a tipologia de casa-pátio foi inserida num edifício de habitação multifamiliar.

A componente teórica da dissertação vai surgir assim como base e enquadramento para a componente prática, último momento da investigação, onde se pretende criar unidades habitacionais de tipologia plurifamiliar como unidades autónomas, recorrendo aos princípios utilizados na casa-pátio.

Esta componente pretende transpor para o projeto, os conhecimentos gerados pela fase de investigação e fundamentação teórica, procurando desta forma perceber que papel pode o pátio assumir na organização espacial da habitação plurifamiliar contemporânea.

III. OBJETIVOS

A presente investigação centra-se no estudo de unidades habitacionais autónomas em edifícios de habitação plurifamiliar, utilizando novas lógicas de execução que potenciam soluções de espaço arquitetónico. Esta pesquisa incorpora uma visão crítica sobre os problemas das cidades contemporâneas, no contexto da sua grande densidade populacional, centros urbanos degradados e ao abandono, habitações insalubres e com pouca luz, onde a organização espacial das habitações existentes não responde às novas exigências da população.

A componente prática da presente dissertação consiste em desenvolver duas unidades de habitação plurifamiliar, uma em Lisboa e outra em Portimão, onde se utiliza durante o processo de formalização do edifício, os conceitos teóricos da tipologia da casa-pátio.

Neste sentido procura-se conceber o interior do edifício de habitação coletiva em torno de vários vazios nucleares, dando uma nova função e importância ao pátio individual inserido num contexto de habitação coletiva. Deste modo, este vazio entendido simultaneamente como espaço privado, espaço de estar, entrada de luz e um meio de proteção, resulta num pátio privado de utilização individual inserido num edifício de habitação coletiva.

A escolha deste tema surge e reflete a vontade de compreender o “mecanismo” do elemento pátio, e como através da sua capacidade de adaptação e desenvolvimento conceptual, pode organizar e delimitar o espaço construído. Norbert Schoenauer acrescenta que a evolução da forma da casa-pátio está diretamente relacionada com a sociedade e com os antecedentes socio-económicos particulares da região onde ela se insere (Schoenauer, 2000). Forçosamente, a própria evolução da sua forma e localização, ilustra o desenvolvimento da casa-pátio, observável num processo evolutivo de adição. Este processo é caracterizado pela sobreposição de um determinado número de elementos construídos ao redor de um espaço central aberto, constituindo em si, a origem do conceito de pátio.

A componente prática será mais explorada neste exercício, sendo que na vertente teórica do conceito de pátio será investigado principalmente no entendimento do seu significado e na sua evolução, servindo como fio condutor para uma abordagem prática. Neste contexto procura-se perceber que papel pode o pátio assumir na organização espacial da habitação plurifamiliar contemporânea.

IV. CASAS PÁTIO

1. Estado da Arte

A composição elementar da casa-pátio, ou seja, o seu genótipo, tem sido recorrentemente aplicado ao longo do tempo em diferentes contextos, permitindo identificar um vasto conjunto de fenótipos arquitetónicos, ou seja as suas características observáveis. Estes fenótipos, embora reflitam diferentes abordagens ao genótipo, traduzem uma metodologia de projeto centrada no conceito de tipo.

Ao longo da história das civilizações, a presença dos pátios fundamenta a distribuição dos espaços interiores das edificações privadas, constituindo uma das bases da formação familiar e posteriormente da organização dos primeiros aglomerados urbanos. Na definição do autor, Werner Blaser na sua obra “Pátios 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días” (2004), o pátio é o espaço delimitado por paredes ou “parcialmente” aberto, que, dentro da sua importância histórica na construção do habitar humano (origem tipológica) se caracteriza como um “domínio figurado” (origem arquetípica), onde o homem, aos moldes da sua vida pré-histórica das cavernas, tinha a partir do seu espaço protegido, o domínio visual em seu redor, caracterizado como natureza selvagem.

De todos os espaços de habitar, o pátio apresenta um papel essencial, tendo a sua história e evolução assumido uma grande relevância e significado na própria história das primeiras povoações. Podemos apreciar vários exemplos deste espaço singular, tanto na arquitetura erudita como na popular, em edifícios unifamiliares, como em conjuntos urbanos nas mais variadas escalas, funções e dimensões.

Em quase todas as civilizações e ao longo da história, utilizou-se a tipologia de pátio nas suas variadas versões, servindo de base para impressionantes projetos arquitetónicos, comprovando assim o seu valor e carácter universal na conceção de espaços de habitar. Considerado como um dos espaços

especialmente qualificados para a constituição e desenvolvimento do habitat humano, o pátio, adaptou-se a diferentes culturas, épocas, assim como à própria natureza humana. Neste contexto, a sua configuração vai assumir as mais diversas formas, como a circunferência, o quadrado e o retângulo.

A utilização desta forma organizacional tem objetivos destintos que podem ser de ordem funcional, de ordem simbólica, de ordem política ou religiosa, entre várias. É a constatação destas diferentes motivações que nos leva a perceber que o pátio encerra valores essenciais à própria condição do homem.

Em todas estas variedades de forma e de funções encontramos um elo comum, a importância da intimidade e do espírito de comunidade. É um espaço de ligação e transição que relaciona de uma forma equilibrada as variadas formas do viver/habitar.

O pátio na atualidade deixa de ter um carácter defensivo das casas pátio da antiga Grécia, e, na sua essência torna-se um lugar livre, privado e interior. Deste modo a casa abre-se para o exterior muitas vezes através de um só vão, o que significa privacidade, não só no aspeto funcional mas também no sentido possessivo e representativo, o que vai atribuir ao pátio o significado de um espaço exterior seguro.

Com a evolução da arquitetura moderna, as condições que condicionavam o pátio, como os materiais, os novos usos e hábitos culturais permitiram a sua evolução. O pátio expandiu-se assim por todo o mundo, deixando de ser uma tipologia de climas quentes. Este novo pátio possui características modernas, que se baseiam nas condições e princípios tipológicos de uma mudança da unidade arquitetónica, base que agora deixou de ser um edifício isolado e passa a ser parte integrante de um conjunto construtivo.

2. História

2.1. Enquadramento tipológico milenar de habitação

Para Werner Blaser em “Pátios 5000 anos de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días” (Blaser, 2004), diz que o homem necessitava de um

espaço que o protegesse do meio envolvente agressivo e desconhecido, mas que, ao mesmo tempo, mantenha a percepção do dia, da noite e das diferentes estações do ano. É um espaço que simboliza o tempo em que o Homem habitava as cavernas.

Blaser considera o pátio como um espaço íntimo e feminino, em que a sua clausura proporciona a ilusão de se conseguir dominar. Desde sempre o Homem sentiu a necessidade de se proteger com paredes, valas e vedações de forma a conseguir uma vida com proteção e não estar constantemente exposto. Quando fez o primeiro abrigo, este serviu para se proteger do meio ambiente, de animais e de outros homens.

O processo que levou aos primeiros assentamentos rurais foi muito lento e gradual, e aconteceu depois de o Homem criar condições, como o trabalhar da terra e posteriormente o domínio da agricultura que criou excedentes, e assim proporcionou a fixação num local (Schoenauer, 2000).

No Livro *“Casas unifamiliares con pátio”*, Paulhans Peters menciona, como aqui já foi referido, que a defesa e o abrigo contra o clima são os aspetos preponderantes para o surgimento da casa-pátio. “A defesa aos intrusos e o abrigo contra o clima, são os aspetos que estão na origem da casa-pátio, foram estes os fatores que levaram as primitivas colónias humanas a fazerem formas de casas introvertidas, nas quais os diferentes espaços se agrupavam ao redor de um pequeno pátio que era simultaneamente zona de distribuição, lugar de permanência e muitas vezes incluía a cozinha” (Peters, 1969, p. 6).

Podemos afirmar que a origem da casa-pátio está ligada ao início da história da humanidade. Encontramos vestígios desta tipologia desde as habitações de antigas comunidades indígenas pré-urbanas, semipermanentes e numa fase posterior permanentes, nas habitações e monumentos religiosos das primeiras civilizações mesopotâmica e egípcia (Schoenauer, 2000).

Ângelo Silveira em *“A casa-pátio de Goa”* (Silveira, 1999) afirma que nestes primeiros núcleos urbanos podemos identificar claramente a tipologia de casa-pátio em casas com forma regular e orientada.

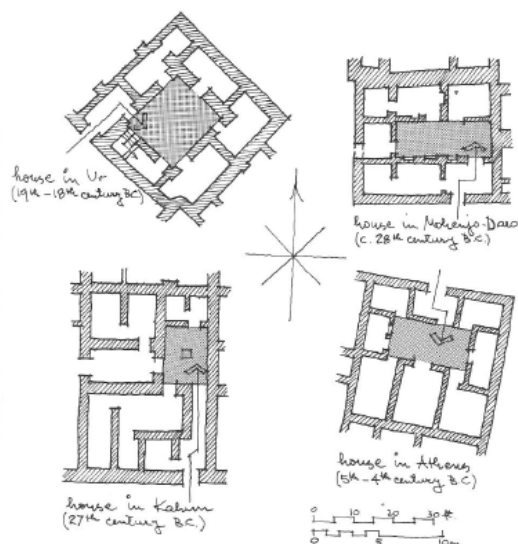


Fig. 1 - Diferentes entradas e acessos até ao interior do pátio. (Schoenauer, 2000, p. 97)

Sendo uma tipologia de carácter universal, que foi sendo utilizada ao longo dos séculos, por diversos povos com diferentes culturas, percebemos que a casa-pátio continuou a florescer para além das grandes civilizações pré-clássicas. Podemos encontrá-la na América Latina, China, Médio Oriente, Norte de África e Vale do Nilo, em assentamentos urbanos; surgiu também por toda a Europa, em casas rurais organizadas em torno de um pátio (Silveira, 1999).

Em escavações realizadas no Vale do Indo, atual Paquistão foram encontradas casas com pátios, datadas do séc. V a.C. “Em Kahun, no Egipto, Chueca Goitia refere a descoberta de “pequenas casas, ou células, constituídas por habitações minúsculas à volta de um pátio fechado” (Goitia, 2010, p. 41), de dimensões variáveis em função da hierarquia dos ocupantes e construídas para alojar os trabalhadores da pirâmide de Sesóstris II (1897- 1879 a.C.) (Silveira, 1999).

Desde esses tempos que a casa-pátio se foi desenvolvendo enquanto uma tipologia urbana, tomando um lugar de destaque nas culturas chinesa, grega e romana. É este pátio descoberto que assume uma grande importância para as diversas sociedades que o adotaram, tanto como meio natural de climatização, como espaço de vigilância, para reuniões, sagrado, para cultivo e confeção de alimentos. Embora todas estas atividades pudessem ser satisfeitas num espaço exterior não protegido, só este consegue suprimir o sentimento de carência de proteção que o Homem sente.

O pátio enquanto espaço delimitado proporciona ao habitante, a sensação de uma zona em que tem o domínio figurado, embora se encontre em segurança e numa zona privada, participa nos diversos ciclos da natureza, dia-noite, calor-frio. Coloca assim, o pátio como um local protegido e ao mesmo tempo relacional. (Blaser, 2004)

“Tanto a casa grega como a casa romana caracterizavam-se pela sua organização em torno de um pátio sobre o qual se abriam os aposentos restringindo as aberturas para o exterior. Este efeito, além de conferir privacidade e uma dimensão transcendente de abertura ao divino, permitia rendibilizar os espaços urbanos (ao encostar as empenas). A mesma razão que levou a que o nosso século, entre as grandes guerras, a tipologia casa-pátio surgisse como a melhor resposta à procura de “viviendas individuales en contacto com el suelo de rápida construcción y de bajo costo (incluso com elementos prefabricados)”. (Silveira, 1999, p. 59)

A Casa-Pátio aparece enquanto uma tipologia habitacional com características próprias que se distingue dos outros tipos. Aqui o pátio surge como elemento que une e que ordena os restantes espaços. O edifício deixa de funcionar sem o pátio e vice-versa. Aqui o pátio surge como elemento preponderante na construção, assumindo-se como o vazio que juntamente com o cheio faz o todo, tornando-se uma unidade indissociável (Neves, 2012).

Para Norbert Schoenauer (Schoenauer, 2000), a persistência da tipologia Casa-Pátio ao longo dos séculos tem quatro principais razões.

A primeira será a razão Psicológica, que como já foi aqui dito, prende-se com a questão de proteção e privacidade em relação ao mundo exterior. A segunda é a razão Económica, e tem a ver com o fato de a tipologia Casa-Pátio permitir uma maior densidade urbana sem construir em altura (o que na antiguidade não era praticável), porque as cidades eram fortificadas o que dificultava a sua expansão. A terceira é o Clima, a pátio protege as habitações da exposição direta do sol, do vento e das condições climáticas extremas. Por último, temos a ligação religiosa, nos pátios onde a natureza está presente e o céu estando exposto torna-se parte integrante da habitação faz surgir a ideia de oásis ou paraíso (Fernandes, 2012).

2.2. A evolução da Casa-Pátio ao longo da história

Casa Pátio de Ur - Mesopotâmia

A civilização Suméria desenvolveu-se nos Vales dos Rios Tigre e Eufrates por volta de 3500 a.C. Era constituída por várias cidades de estado muito bem organizado com a divisão do trabalho. Foram os primeiros a utilizar o ouro e a prata como moeda de troca. As suas cidades eram fortificadas e os seus edifícios construídos com tijolos. Construíam edifícios monumentais para locais de culto e grandes palácios para os seus reis (Schoenauer, 2000).



Fig. 2 - Vale entre o Rio Tigre e Eufrates (Schoenauer, 2000, p. 100)

As casas da população eram construídas à volta de um pátio central, para onde davam os vãos, não possuindo deste modo janelas para o exterior. A casa típica de Ur consistia em várias salas em volta de um pátio central, uma escada, geralmente junto à entrada, que levava para o telhado ou para o piso superior. Nas habitações com dois pisos as zonas públicas como o *hall*, cozinha e quartos de apoio ficavam no piso inferior e no piso superior a zona privada com os quartos, todos virados para o pátio interno. A essência da casa-pátio de Ur sobreviveu até aos nossos dias, e podemos encontrá-la ao fim de mais de 6.000 anos na casa tradicional de Bagdad no Iraque. A planta da casa de Ur é uma solução para a cidade que protege os seus ocupantes contra o barulho da rua, dos ladrões e das agressões climatéricas.

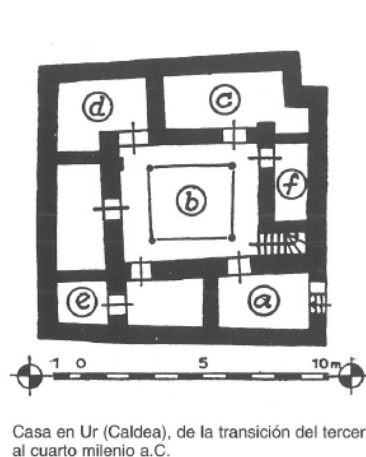


Fig.3

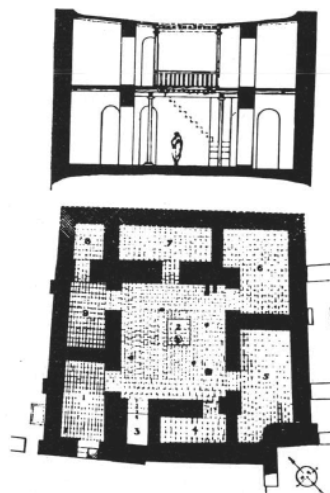


Fig.4

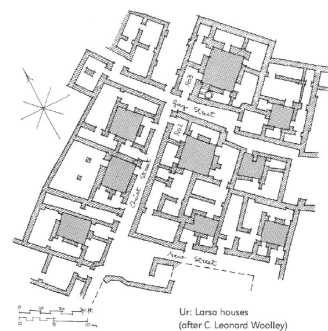


Fig.5

Fig. 3 - Planta da Casa-Pátio em Ur na transição do III ao IV século a.C. (Blaser, 2004, p. 10)

Fig. 4 - Planta e Corte da Casa-Pátio de Ur (Meninno, s.d.) Fonte: http://www.didato-meninno.com/pub/LabProg3b_2009_lezione_Casa_patio_Meninno.pdf

Fig. 5 - Quarteirão de Ur. (Schoenauer, 2000, p. 103)

Durante umas escavações na cidade de Ur em 1880-1960 encontrou-se uma pequena área residencial com várias casas, onde percebemos o traçado sinuoso das ruas, que traduz o desenvolvimento da cidade de forma orgânica e natural (Schoenauer, 2000).

Casa Pátio de Kahun - Egipto

Sesostris II, da XII Dinastia por volta do ano 2670 a.C. mandou contruir a pirâmide de Illahun e para esse efeito foi construída a cidade de Kahun (Schoenauer, 2000). Nesta, as ruas apresentam um traçado ortogonal e as pequenas habitações dos trabalhadores formavam blocos habitacionais retangulares separados por ruas estreitas que serviam de canais de escoamento das águas das chuvas e detritos. Estes blocos eram constituídos por pequenas habitações que se desenvolviam em volta de um pátio fechado. Eram feitas de adobe e os terraços feitos de madeira e cana, amassados com barro. A cidade estava disposta em torno de um retângulo fechado, rodeado por taipas e resguardados por um poço.

Sob o reinado de Thutmose I (1540-1501 a.C.) surgiu também uma cidade para trabalhadores junto a Thebes com o nome de Deir el Medina, ao contrário da cidade de Kahun, esta é uma cidade mais orgânica. A casa típica de Deir el Medina era constituída por um piso inserido num retângulo em que as salas eram todas alinhadas e começava com um *hall* ou pátio. Eram construídas com tijolos, as coberturas formadas por talos com folhas de palmeiras e cobertas com terra (Schoenauer, 2000).

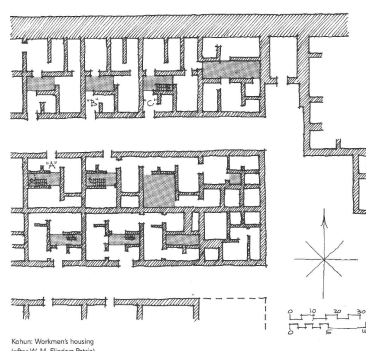


Fig.6

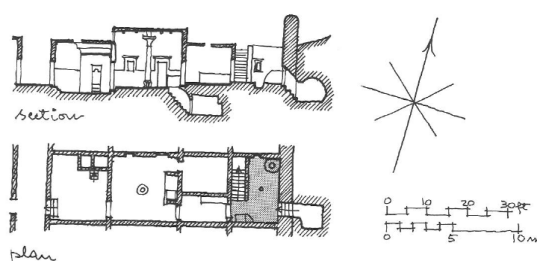


Fig.7

Fig. 6 - Quarteirão em Kahun (Schoenauer, 2000, p. 110)

Fig. 7 - Casa típica de Deir el Medina (Schoenauer, 2000, p. 111)

Casa Pátio na China

Para (Schoenauer, 2000) o pátio é um elemento muito utilizado nos edifícios urbanos, é organizador dos espaços internos, e as suas características fundamentais são utilizadas até aos nossos dias. A casa-pátio chinesa da antiguidade era constituída por vários edifícios de um só piso em volta de um pátio central. Este pátio servia de elemento agregador com uma grande importância para a organização interna dos espaços e de proteção contra as intempéries, encontrando-se também relacionado com a ideia de paraíso, e nele muitas vezes podíamos presenciar elementos de natureza com simbolismo. Era um lugar de equilíbrio espiritual e físico.

Como a cultura chinesa preza muito as relações familiares, as habitações em redor do pátio eram ocupadas por vários elementos da família. Neste contexto, as habitações poderiam noutra momento ser ampliadas com a introdução de novos pátios e habitações criando uma hierarquia de gerações e de sexos. Na cultura chinesa, os pátios são sempre ajardinados onde, simbolicamente estão sempre representados conceitos como, árvores, flor, água e montanha. Este tipo de casa-pátio foi sempre uma inspiração para os europeus (Blaser, 2004).

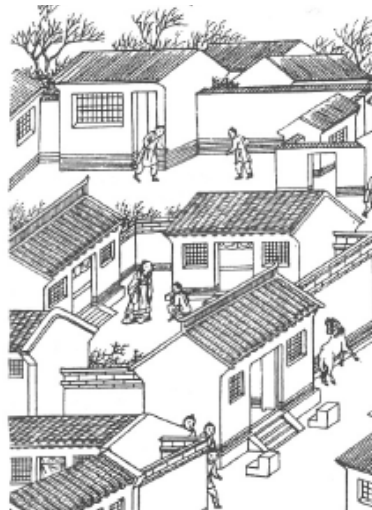


Fig. 8 - Colonia de casas com pátio na China (Blaser, 2004, p. 14)

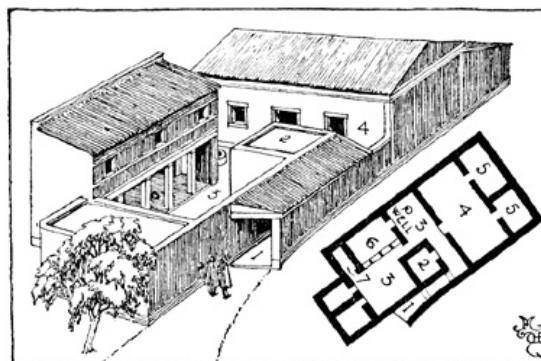
Colonia de casas con patio, hacia 1900 en China.

Casa Pátio Grega

O período clássico de desenvolvimento urbano deu-se entre os anos 900 e 600 a.C., altura em que Atenas se tornou uma cidade importante.

A casa grega primitiva é o exemplo mais puro da casa-pátio, um legado que provém da civilização mino-micénica, que floresceu no Mar Egeu. A própria casa pátio da Grécia primitiva é um espelho do carácter defensivo das cidades onde estava inserida, em que a única ligação com o exterior era porta. A reforçar esta ausência de aberturas, destaca-se o facto de estas habitações terem duas ou três fachadas, consoante a sua disposição, confinantes com a via pública. A casa era somente iluminada por luz zenital, que penetrava pelo pátio.

Fig. 9 - Reconstituição tridimensional e planta da Casa-Pátio em Dystus.
Fonte: <http://imageshack.us/photo/my-images/364/dystushousexc6.jpg/> Acedida no dia 13/02/2014



Com o fomento da Democracia nas cidades-estado da Grécia, apareceram novos elementos urbanísticos que denunciam uma participação mais intensa por parte da população nos assuntos da comunidade. O aparecimento destes novos elementos, fortemente influenciado pelo ambiente filosófico vivido na Grécia que concedeu ao mundo as bases do raciocínio moderno, do pensamento e da teoria, elementos que deram surgimento a uma teoria racional da organização ideal da cidade, a cidade hipodâmica, que procurava dar resposta às deficiências da cidade instintiva ou histórica que se tinha criado durante anos. Estes acontecimentos deram-se nos fins do século V e IV a.C. e coincide com o ponto alto da evolução da casa-pátio Grega, com peristilo e que pode ser considerada como a geradora da casa com pátio oriental, que foi sofrendo alterações e adaptações de acordo com as condições climáticas, e contextos socioculturais diversificados. Mais uma vez fica assim demonstrada a versatilidade desta tipologia no que se refere à sua utilização em diferentes cidades e culturas distintas (Blaser, 2004).

A casa-pátio grega traduz o racionalismo assente numa sensibilidade que relaciona o espaço de habitar com a exposição solar, de forma a garantir uma homogeneidade térmica durante as diversas estações do ano. Embora esta preocupação fosse uma realidade nas civilizações anteriores, aqui assume especial relevo porque a casa possui uma maior complexidade formal em termos de posicionamento e dimensionamento dos diversos compartimentos. A maior profundidade espacial aliada à forma retangular da moradia também obriga a um maior cuidado na distribuição da luz e, conseqüentemente, da temperatura que se pretende obter nas distintas áreas da casa.

Segundo o historiador espanhol, a casa grega

“..era construída à volta de um pátio que lhe permitia beneficiar da exposição a sul. Em Olinto, o pátio situava-se sempre na fachada sul do bloco, mesmo que a entrada da casa fosse noutro lado. O sol podia assim penetrar, no Inverno, até ao fundo da habitação principal, que usualmente estava atrás de pórtico, de maneira que no Verão, pelo contrário, quando o sol estava mais alto, este pórtico defendia a casa das altas temperaturas.” (Goitia, 2010, pp. 50,51)

As casas urbanas em geral eram pequenas e democraticamente simples, só de um piso térreo. Os costumes habituais próprios atuaram na distribuição e dimensão dos compartimentos; por exemplo, a comida era cozida em fogão aberto, as mesas eram montadas para as refeições e, posteriormente, desmontadas; comer sozinho era considerado barbaridade por isso a consequente dimensão deste espaço. A família comia reunida quando não tinha visitas, se houve-se convidados masculinos as mulheres retiravam-se para um sector íntimo da casa; o Oecus – sala de estar/receber feminina; a cozinha ou os banhos; o homem recebia os seus convidados no Andron, sala de estar/receber masculina (Schoenauer, 2000).

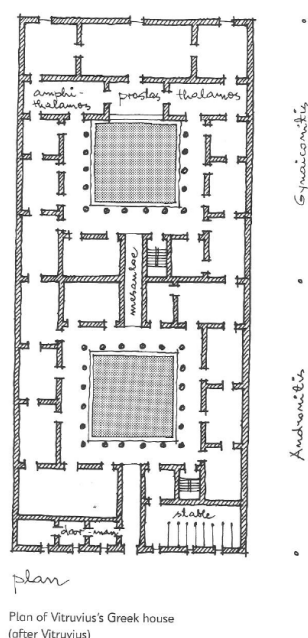


Fig.10

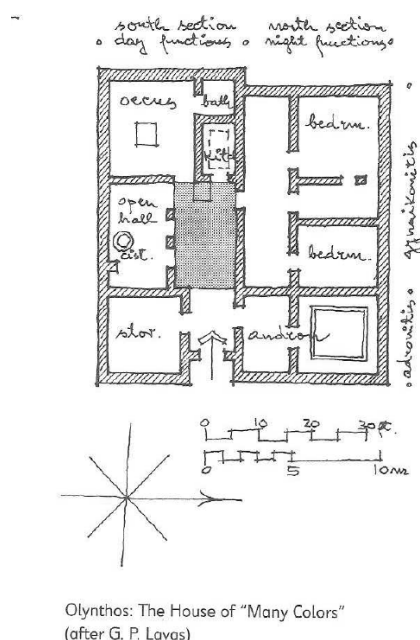


Fig.11

Fig. 10- Planta da Casa Grega por Vitruvius (Schoenauer, 2000, p. 129)

Fig. 11- Casa de Olynthos "The House of many Colors" (Schoenauer, 2000, p. 131)

O pátio transmite a ideia de centro, que convida à reunião da família; o refúgio que confere um sentimento de proteção e, por conseguinte, uma certa auréola de espaço divino onde a presença com o superior se faz sentir de forma mais intensa, e que de certa forma é comum em diversas culturas sejam elas politeístas ou monoteístas; e, por fim, a luz, que é a razão de toda a arquitetura, que confere a atmosfera ao espaço de habitar, através dos mimetismos, dos contrastes, entre o iluminado e a penumbra. Estes dois últimos aspetos por sua vez estabelecem uma analogia com o divino, na medida em que o iluminado se manifesta no sagrado, e a penumbra, no profano; estas conotações contextualizadas no espaço arquitetónico conferem ao espaço diferentes significados que são apreendidos pela mente humana e formalizam as diferentes vivências num determinado espaço. Podemos afirmar que em cada casa existe um templo no seu interior (Schoenauer, 2000).

Casa Pátio Romana

A transição do helenístico para a civilização romana foi gradual, tão gradual que a separação da passagem das cidades/edifícios Gregos para os romanos não pode ser traçada. Sob o ponto de vista urbanístico, as cidades do império Romano foram herdeiras das Gregas, das quais adotaram todos os requintes técnicos. Um exemplo dessas cidades Greco-Romanas foi Pompeia.

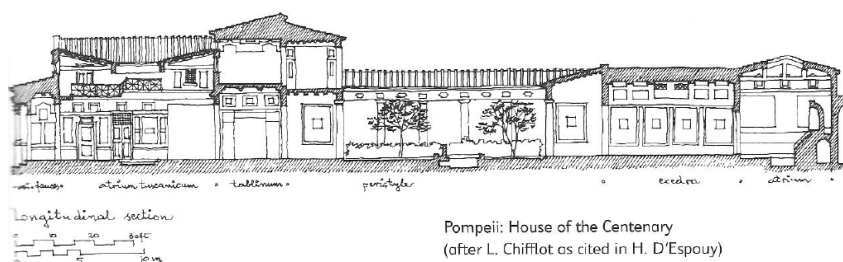
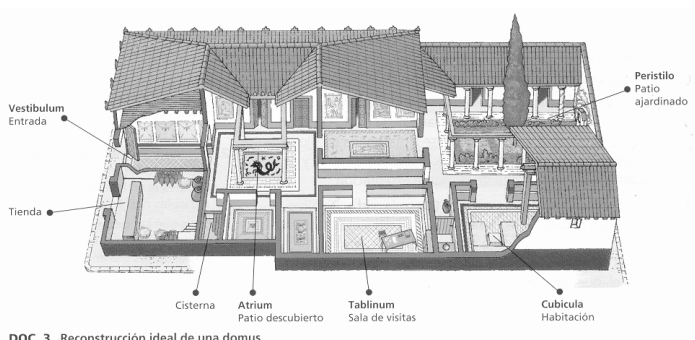


Fig. 12 - Corte longitudinal de uma habitação de Pompeia. (Schoenauer, 2000, p. 137)

Quanto ao espaço de habitar, é aceitável afirmar que dentro deste contexto, as culturas Etrusca e Grega tiveram, uma influência determinante, na casa romana, a Domus; de maneira que é possível acreditar que a casa romana com átrio se desenvolveu a partir da casa Etrusca e que, mais tarde, se viria a converter, por ampliação na casa com peristilo das pessoas mais ricas.

Fig. 13 - Reconstrução tridimensional ideal de uma Domus.
 Fonte: <http://www.arkiplus.com/wp-content/uploads/2011/11/domus-romana.png> Acedida a 23/02/2014



A casa Etrusca, de um único piso, alinhada ao longo da rua, carecia de janelas. O fogo situava-se no centro da casa, com uma abertura no teto para extração do fumo, cuja dimensão veio progressivamente a ser aumentada. A luz penetrava única e exclusivamente através desta abertura e da entrada. Este “atrium” era, no fundo, a sala com teto aberto, adotando a forma de um pátio. O fogo, originalmente no centro da casa, transferiu-se para outro espaço, sendo substituído pela recolha da água da chuva. Com esta evolução, surgem no centro da casa no pátio um tanque ou mais tarde uma fonte. Do atrium nasce assim o impluvium Romano e o aljibe Islâmico.

Enquanto casa unitária com a zona da vivenda e os quartos de serviço unificados debaixo de um só teto. Estas casas encontravam-se alinhadas ao lado da rua, tinham um piso único e careciam de janelas, tal como as suas congéneres gregas. A formalização do conjunto habitacional na malha urbana assentava numa regularidade modular, que poderia ter variações, de acordo com o tipo de cidade onde se inseria. Essa variação estava, intimamente ligada com o facto das cidades mais regulares de origem militar, com o seu perímetro retangular, permitirem um maior rigor formal nos módulos de habitação

Esse rigor modular já não se verificava em outro tipo de cidades, como é o exemplo de Pompeia, que embora apresentassem uma malha hipodâmica regular, não assentavam no rigor geométrico das cidades militares, o que proporcionava aos conjuntos habitacionais uma irregularidade formal que se manifestava posteriormente em cada uma das suas células.

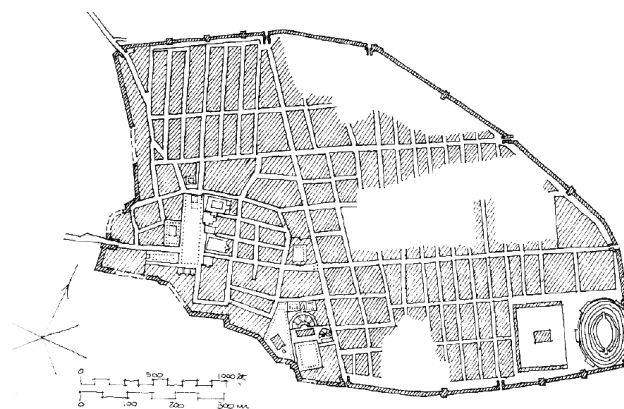


Fig. 14 - Planta da cidade de Pompeia.
(Schoenauer, 2000, p. 139)

Pompeii
(after Hans Eschebach)

Quando se verificava esta irregularidade, as colunatas do pátio ajudavam a conservar uma imagem de integridade do espaço. As colunas serviam também para cumprir esse papel noutras ocasiões, porque os pátios não se apresentavam apenas como regulares ou irregulares. Eles podiam ser completos ou incompletos. Assim se explica o facto, de existirem casas romanas com pátios guarnecidos com três colunas em três dos lados, e outros com duas colunas em apenas dois dos lados. Ambos os casos são válidos, pois para que a noção de pátio seja válida, bastava a existência de duas galerias, e que os restantes lados fossem delimitados por paredes.

O pátio torna-se o espaço da casa mais regular e simétrico, de maior investimento formal e decorativo, enquanto as paredes exteriores continuam sem investimento arquitetónico significativo, com exceção do umbral que assinala a entrada. Dada a posição do pátio, a vida familiar afasta-se do domínio público e a casa encerra-se sobre si própria.

Normalmente, a casa romana ou domus caracteriza-se por estar virada para o interior, articulada com o seu pátio ou atrium central através do qual se processa a iluminação, ventilação e provisão de água, porque normalmente é no centro deste pátio que se instalava a pia ou impluvium que contava com a cisterna para o aproveitamento das águas pluviais. Quando a topografia do lugar o permitia, continuava a seguir os princípios da planta axial e simétrica, um princípio, que foi comum em toda a arquitetura romana. (Schoenauer, 2000).

As diferentes divisões do espaço de habitar romano encontravam-se fechadas ao exterior e estavam resolvidas à volta do átrio. Por vezes, neste espaço existia o lararium ou altar de culto doméstico. No lado oposto à entrada situava-se o tablinum que significa o gabinete com os documentos familiares destinado ao senhor da casa. Este era um espaço aberto para o átrio, que frequentemente comunicava com um pequeno jardim ou horta posterior. A circundar estes espaços verdes encontravam-se pequenos quartos, que serviam propósitos distintos.

A vista de uma casa Romana “atrium house” pela rua, mostrava umas habitações muito idênticas e pequenas, as fachadas eram simples e com poucas aberturas. Esta monotonia só era quebrada pelas áreas ocupadas pelas lojas. Assim, neste tipo de habitação, o pátio torna-se o centro nevrálgico, é a fonte de luz, água da chuva e ventila as diversas divisões; oferecendo um microclima propício para os habitantes. Para além disso, o pátio oferece uma exposição nas quatro diferentes orientações solares, assim a habitação pode ser orientada sem limitações externas, como uma vista desfavorável. A introversão da casa-pátio propicia uma privacidade visual e acústica em relação aos vizinhos e à via pública. Outra característica importante desta casa Romana é a sua flexibilidade, porque permite a criação de espaços multiusos sem uma atividade definida (Schoenauer, 2000).

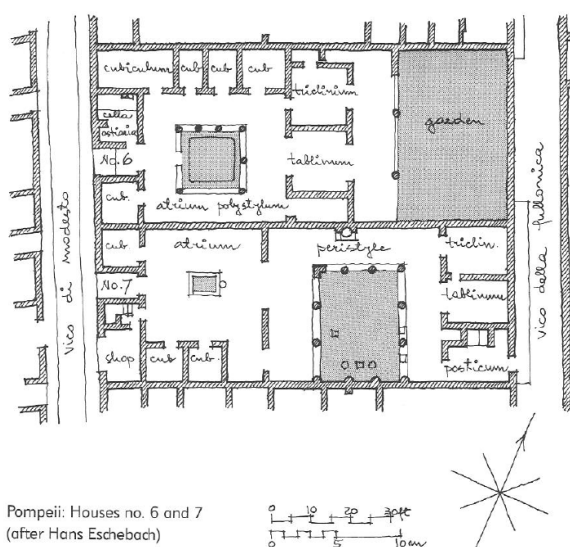


Fig. 15 - Plantas das casas 6 e 7 de Pompeia. (Schoenauer, 2000, p. 140)

Pompeii: Houses no. 6 and 7
(after Hans Eschebach)

0 10 20 30 40 50 100m

Casa Pátio Medieval

O império Romano influenciou as cidades do território ocupado, onde impuseram em grande parte os conhecimentos que foram adquirindo a oriente e que evoluíram durante a civilização Helénica e Romana. Com a queda do Império Romano, deu-se a entrada para o início de uma época conturbada para a Europa, a “Idade das Trevas”, durante a qual existiu um colapso da vida urbana, na Europa (Schoenauer, 2000, p. 257).

Foi nesta época que se deu uma rutura com a herança helenística e romana no domínio da habitação, caracterizada pela sua orientação para um pátio interior.

As principais características das casas urbanas estão ausentes, como o pátio central com jardim que era o centro de distribuição da casa oriental.

Assim, durante a Idade Média surge um novo elemento estruturante dos edifícios, o claustro, que assumiu uma grande importância nos mosteiros, catedrais, hospitais e casas senhoriais. A sua importância é ressaltada pela forma como nas épocas medievais é tratado.

Para Antón Capitel, durante o Românico e o Gótico, “o claustro foi uma peça de grande tamanho e presença, mas não pretendia em nenhum dos conjuntos, alcançar uma natureza arquitetónica demasiado clara, se o considerarmos como elemento fundamental, consequentemente, exerce um papel demasiado convincente ou demasiado eficaz na relação com o conjunto.” (Capitel, 2005, p. 21)

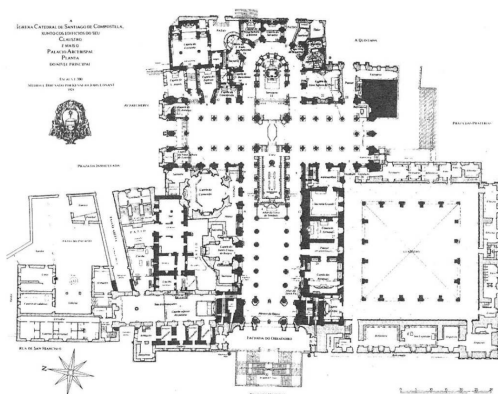
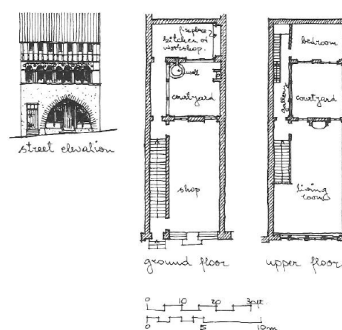


Fig.16

Fig. 16- Planta da Catedral de Santiago de Compostela (Capitel, La arquitectura del patio, 2005, p. 22)



Cluny: Medieval urban dwelling
(after Otto Stiehl)

Fig.17

Fig. 17- Plantas e Alçado de uma casa-pátio em Southamton. (Schoenauer, 2000, p. 262)

Foi no Renascimento, no Maneirismo e no Barroco, que com a utilização do pátio em palácios, este produz formas arquitetónicas espacialmente intensas, quando os palácios são organizados em torno de um pátio.

3. Contemporaneidade da casa pátio

“A partir do século XVIII, e até mesmo no século XIX, produziu-se a substituição deste sistema antigo de projeto (organização em torno do pátio ou claustral) por outro que, com os seus primeiros antecedentes no maneirismo palladiano, consolidou-se nas escolas de arquitetura, como aconteceu na Beaux Arts, expandido assim por todo o mundo estes métodos de projeto. Sendo que o sistema antigo (casa-pátio) tardou em ser substituído na íntegra, pois perdurou no sistema académico, tendo alguma importância principalmente em Espanha. Mas ao chegar ao século XX este sistema tinha desaparecido sem deixar rasto, de modo que, quando se enveredou por diferentes caminhos na revolução moderna, vai-se à procura do antigo, do clássico, do tradicional, mas reinterpretando o sistema aos olhos da pureza da nova arquitetura. Transformando-se noutra coisa que não tinha sido no passado, sendo que com esta transformação, pode dizer-se que ganhou uma nova vitalidade. Muitos foram os arquitetos do movimento moderno a utilizarem este sistema como elemento de projecto, entre eles, Le Corbusier, Alvar Aalto, Arne Jacobsen, Jorn Utzon e Josep Lluís Sert.” (Capitel, 2005, p. 161)

Para Schoenauer o conceito da casa-pátio foi redescoberto por alguns arquitetos modernos que são um exemplo a seguir tanto no uso do solo, na conservação da energia, na definição das ruas e na definição hierárquica das ruas, e é um modelo urbano compacto que não desperdiça espaço.

Schoenauer realça que “as civilizações orientais, milhares de anos mais antigas do que as ocidentais, evoluíram, através de um longo processo de ensaio e erro, até algumas soluções de desenho habitacional urbano que deram resultados positivos ao longo de muito tempo. Soluções que podem ser adotadas no cenário urbano ocidental, com a garantia de terem sido viáveis durante pelo menos 6000 anos” (Schoenauer, 2000).

António Baptista Coelho no seu Blogue Infohabitar salienta que “a casa-pátio tem uma dupla virtude: a de se agregar com alguma facilidade e interesse volumétrico para fazer cidade contínua, protetora e estimulante em termos de imagens e sequências urbanas, como que numa qualificação mais doméstica ou intimista do espaço público; a virtude de dar a partes específicas e estratégicas do próprio espaço doméstico valência agradavelmente mutantes ou diversificadas, como que num mitigado e bem controlado prolongamento do espaço público. E esta dupla virtude é muito útil para o (re) desenvolvimento de velhas e novas tipologias do habitar a cidade e a casa” (Coelho) *Fonte: <http://infohabitar.blogspot.pt/2010/01/sobre-casa-patio-elementos-de.html>, visitado em 12/03/2013.*

Para António Baptista Coelho a capacidade que o pátio confere para a compactação urbana pode ser uma arma atual para a estratégia da densificação urbana. Trata-se de uma opção que não retira as privacidades domésticas fundamentais, “um caminho que proporciona o desenvolvimento de tipologias habitacionais intermédias, ou seja, entre o unifamiliar e o multifamiliar, um caminho que estimula a transfiguração da ideia de casa-pátio, para soluções de casas-pátio e casa-terraço mutuamente sobrepostas e diversificadamente imbricadas” (Coelho). *Fonte: <http://infohabitar.blogspot.pt/2010/01/sobre-casa-patio-elementos-de.html> visitado em 12/03/2013.*

4. A casa-pátio enquanto Habitat Intermediário

Para António Baptista Coelho a casa-pátio pode ser uma forma atual de repensar as habitações contemporâneas. Chama a atenção de três formas de abordagem ao tema, a teórica, a prática e, por fim, a teórico-prática. Em termos teóricos temos os estudos de Monique Eleb e Anne Marie Chatelet, que apesar de teóricos tiveram uma investigação tipológica prática nas habitações sociais. Defendem o “Habitat intermediário” que é aquele “de fusão” das características de densificação física das soluções multifamiliares com as de autonomia de acesso e de existência de espaços exteriores privativos proporcionadas pelo unifamiliar, caracteriza-se, frequentemente, por “terraços sobrepostos, entradas e caixas de escada desmultiplicadas”, numa oferta plástica e funcional que proporciona a tal “escala intermediária, a meio caminho entre o individual e o coletivo.” (Eleb & Châtelet, 1997, p. 18)

António Baptista Coelho considera que a distribuição neste habitat intermediário de pequenos pátios/terraços, mais ou menos encerrados, desenvolvidos em diversos níveis, que podem assegurar, neste tipo de habitar, uma cooperação entre as condições de privacidade e de apropriação individualizada, de cada habitação e de continuidade/densidade urbana do edifícios assim desenvolvidos.

Em segundo, uma prova teórico-prática foi já falada num livro muito importante para a temática da casa-pátio de Serge Chermayeff e Christopher Alexander intitulado “Community and privacy, toward a new architecture of humanism”, onde aborda a capacidade urbana agregadora da tipologia casa-pátio. Este livro fala-nos de como harmonizar “comunidade/convivialidade e privacidade/apropriação no habitar” (Coelho, p. 14) conjugando assim aspetos de densificação e continuidade urbana com aspetos de privacidade e apropriação do espaço doméstico de cada um, ou seja um tema importante para as sociedades mega-urbanas.

Com esta obra prevê-se a importância dos espaços e dispositivos mais urbanos, mais de vizinhança e mais privados que gerem as relações entre os níveis mais urbanos ou mais domésticos. Ao longo da obra o pátio vai sendo abordado através da sua forma mais urbana de praça, na sua forma doméstica que conjuga várias habitações, em grupos de grande densidade urbana, “mas resguardando-se a referida privacidade de fruição de cada habitação e enriquecendo-a, mesmo, com a dimensão de um exterior privativo significativo”. (Coelho, p. 14)

António Baptista Coelho chama a atenção para Richard Sennet, que no livro “El declive del hombre público” 1992, aborda as diferenças que nos dias de hoje são caracterizadas as relações entre os usos públicos e privados iniciando a sua pesquisa na história, salienta, a indelicadeza que as relações comunitárias, públicas e civilizadas, por vezes assumem, em oposição temos o aumento de tudo o que a intimidade acaba por impor.

Por último, António Coelho foca-se no interior da habitação e salienta a vantagem que pode apresentar uma solução que organize as divisões da habitação em volta de um ou vários espaços exteriores privados. E ressalva a essência desta solução, porque em termos de conceção é como se o espaço exterior fosse capturado para o interior da habitação, tornando-o domesticado, o que o que “proporciona uma relação sequencial: nível doméstico exterior privado; nível doméstico interior privado; nível público exterior, mas ainda, desejavelmente de vizinhança; eventual nível comum edificado e interior; e finalmente o nível exterior público” (Coelho, p. 15)

Embora considere esta possibilidade perfeita também sabe que quase nunca é atingida, mas ainda assim ressalva as potencialidades diretas, como a utilização de um pátio descoberto que é passível de ser ajardinado pelos habitantes, e as indiretas, “de estruturação de uma estimulante sequência de níveis habitáveis reais e também estimulantemente simbólicos – proporcionadas por casas-pátio que nem precisam de ser especialmente espaçosas.” (Coelho, p. 16)

5. Estudos tipológicos da casa pátio

5.1. Immeuble villa por Le Corbusier, de 1922

Em 1922 com o projeto das “Immeuble villa”, Le Corbusier procurou responder a um modo de vida moderno, e criou uns edifícios estruturados por células de habitação. Estes edifícios estavam inseridos num exercício global de criar uma espécie de protótipo de habitação universal para o Homem moderno, num contexto da procura de uma solução urbana para as cidades modernas.

Para esta cidade contemporânea, Le Corbusier baseou-se numa utopia de ordem social baseada na gestão e tecnologia que prefigura as cidades industrializadas de um mundo pós-guerra. Mas este seu conceito aborda uma solução para os problemas relativos às cidades densificadas, e que no fundo podemos encontrar semelhanças com os problemas das grandes cidades atuais. (Neves, 2012)

Este conceito de habitação constituída por células surge depois de Le Corbusier visitar o mosteiro da Ordem Cartusiana em Florença, onde este vê um espaço “onde se torna possível um equilíbrio entre o viver coletivo e o individual, através das relações que ligam o homem à sua casa e à sua intimidade e simultaneamente à vida comunitária em espaços comuns”. (Neves, 2012, p. 50)

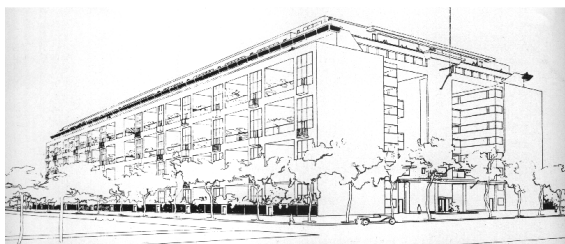


Fig. 18

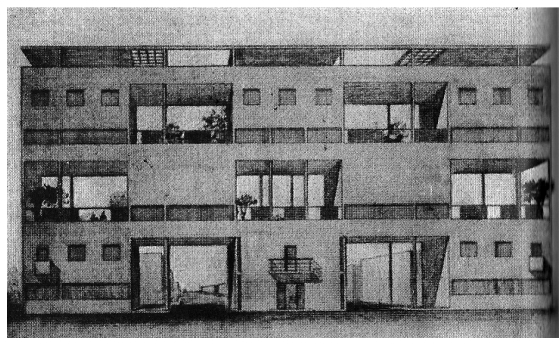


Fig. 19

Fig. 18- Perspetiva do edifício Immeuble villa do Le Corbusier

Fonte: <http://soa.syr.edu/faculty/bcoleman/arc523/images/housing/lc.immeuble.villa.perspective.gif> Acedida a 28/03/2014

Fig. 19 - Alçado do Edifício Immeuble villa do Le Corbusier

Fonte: <http://eliinbar.files.wordpress.com/2010/06/corbusier-villa-house0001.jpg> Acedida a 28/03/2014

Com este edifício Le Corbusier propõem uma nova forma de habitar dentro de um contexto de uma grande cidade. Num edifício de habitação coletiva cada habitação com jardim pode ser colocada em qualquer piso porque funciona de forma independente. Previu também espaços comunitários para a realização de funções de carácter mais público (Neves, 2012).

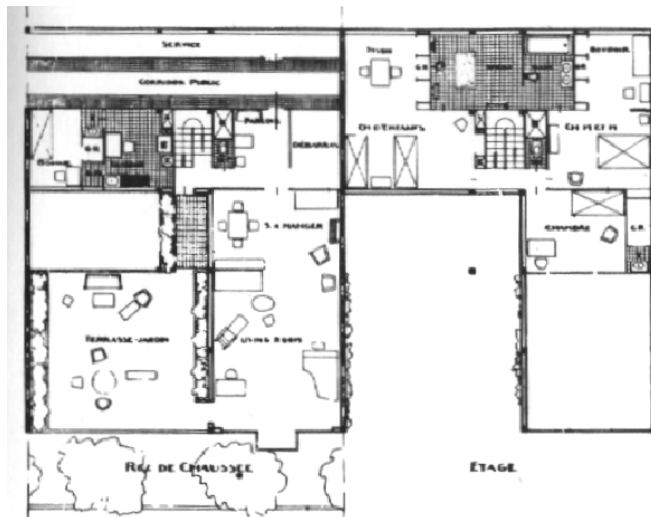


Fig. 20 - Planta do Edifício Immeuble Villa
do Le Corbusier
Fonte:
<http://soa.syr.edu/faculty/bcoleman/arc523/images/housing/lc.immeuble.villa.gif>
Acedida a 28/03/2014

A conceção deste edifício contribuiu para a formação dos 5 elementos de uma nova arquitetura que Le Corbusier publicou em 1926, que são: os pilotis, a planta livre, a fachada livre, a janela horizontal alongada e a cobertura ajardinada. (Neves, 2012)

Neste projeto Le Corbusier cria dois tipos de pátio com uma escala completamente diferente, com uma escala maior temos o pátio no interior do conjunto habitacional que funciona como espaço visual de caráter público, a uma menor escala, temos os pátios de cada unidade habitacional que são de uso exclusivamente privado.

Cada unidade habitacional do edifício *Immeuble villa*, possuía uma sala de estar com duplo pé direito bem como um pátio com jardim com o mesmo pé

direito. Estas unidades ao se encontrarem empilhadas umas sobre as outras mostravam os pátios como se estivessem suspensos no ar, com a vegetação quase que a assumir um atrativo espaço edílico.

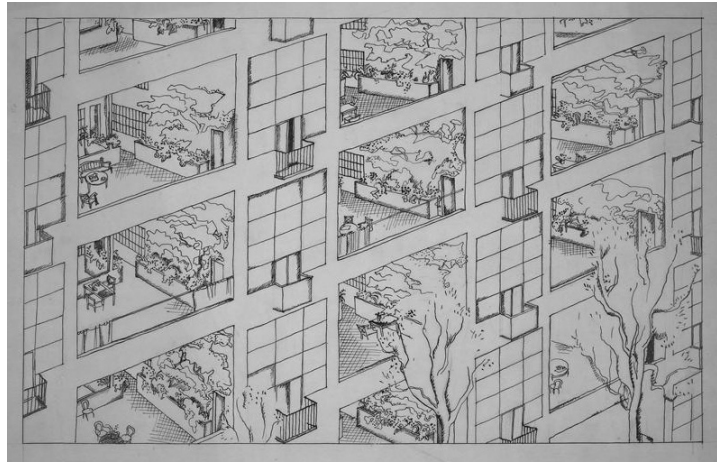


Fig. 21 - Perspetiva do Edifício Immeuble Villa do Le Corbusier Fonte: http://sannamerilainen.files.wordpress.com/2014/03/immeuble_perspective1.jpg Acedida a 31/03/2014

Segundo Capitel no seu livro “Las Formas ilusórias en la arquitectura moderna”, este projeto conceptual transfere as virtudes dos edifícios de habitação unifamiliar para os de habitação coletiva e é mais uma contribuição de Le Corbusier para a arquitetura contemporânea. (Capitel, 2004)

5.2. Complexo de Habitacional de Fukuoka, no Japão de 1991 do Rem Koolhaas

O projeto habitacional de Rem Koolhaas, “Nexus House” na cidade de Fukuoka no Japão, está inserido num plano urbanístico desenvolvido pela arquiteto Arata Isozaki. Este plano pretende ser uma resposta aos graves problemas demográficos devido ao acelerado crescimento populacional. Assim e de forma a atenuar esta problemática existiu a necessidade, de forma acelerada, de executar planos urbanísticos e projetos habitacionais e um deles foi o projeto de Rem Koolhaas. Neste projeto urbanístico participaram vários arquitetos, Oscar Tusquets, de Barcelona; Christian de Pritzamparc, de Paris; Mark Mack, de São Francisco; Rem Koolhaas, de Roterdã; Steven Holl, de Nova Iorque, e Osamu Ishiyama, de Tóquio. Embora tenha existido várias reuniões entre eles, não existiu nenhuma preocupação em relacionar as várias propostas, indo

assim de encontro ao caráter experimental do projeto e a sua principal intenção, que era o de criar uma estrutura urbana sustentada e valorizada pela diversidade.

Após esta breve introdução ao conceito em que o projeto de Rem Koolhaas estava inserido, apenas este projeto será abordado.

O complexo habitacional “Nexus House” era constituído por 24 habitações, com 3 pisos cada uma, embora todas as habitações tenham o mesmo fundamento conceitual são todas diferentes.

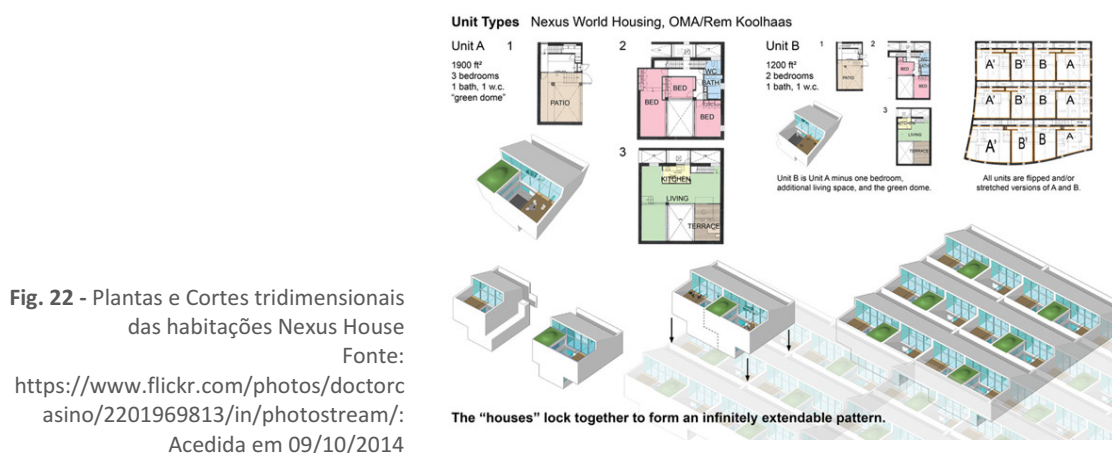


Fig. 22 - Plantas e Cortes tridimensionais das habitações Nexus House

Fonte:

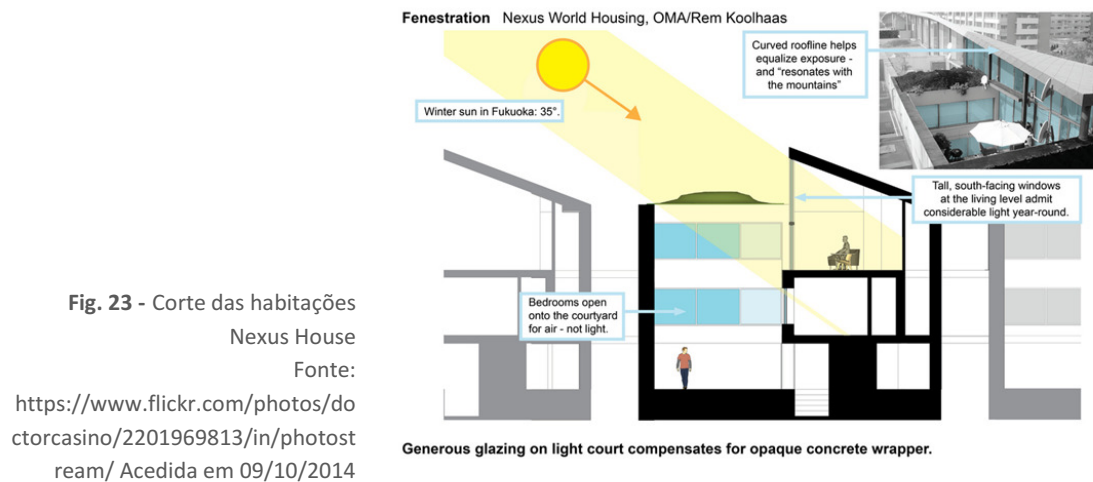
<https://www.flickr.com/photos/doctordcasino/2201969813/in/photostream/>:

Acedida em 09/10/2014

Cada habitação é constituída por 3 pisos, no piso térreo o espaço comum de circulação conduz à entrada individual de cada unidade, onde se encontra o genkan (local de remoção dos sapatos). O espaço de entrada é um pátio que faz a ligação às circulações verticais que conduzem aos espaços privados no primeiro piso, onde temos os quartos e instalações sanitárias, no piso três encontramos a área social que é constituída por, sala de estar, cozinha e ainda um quarto polivalente, neste último piso os vários espaços funcionais são delimitados por elementos móveis que permitem várias configurações espaciais.

O piso dois é um piso mais intimista onde os vãos são voltados para o pátio interior, já o terceiro piso é caracterizado pela sua extroversão com painéis de vidro voltados para o exterior.

Cada uma destas habitações de carácter introvertido é desenvolvida em torno de um pátio vertical que produz diferentes níveis de exposição solar e iluminação.



Pelo exterior são revestidos por betão negro, que imitam as pedras dos antigos castelos japoneses. Esta fachada monolítica reforça o carater introspectivo das habitações. Em termos espaciais cada habitação oferece uma grande variedade, público e privado, fechado e aberto.



Este projeto habitacional corresponde a uma estratégia urbanística contemporânea, dentro dos conceitos de Koolhaas, que procura encontrar novos modelos, novas estruturas urbanas, com o intuito de ultrapassar a ineficácia dos grandes processos planificadores. Esta proposta dispensa a ideia de integração territorial, estética, e funcional, ao tecido envolvente. (Medrano, 2004)

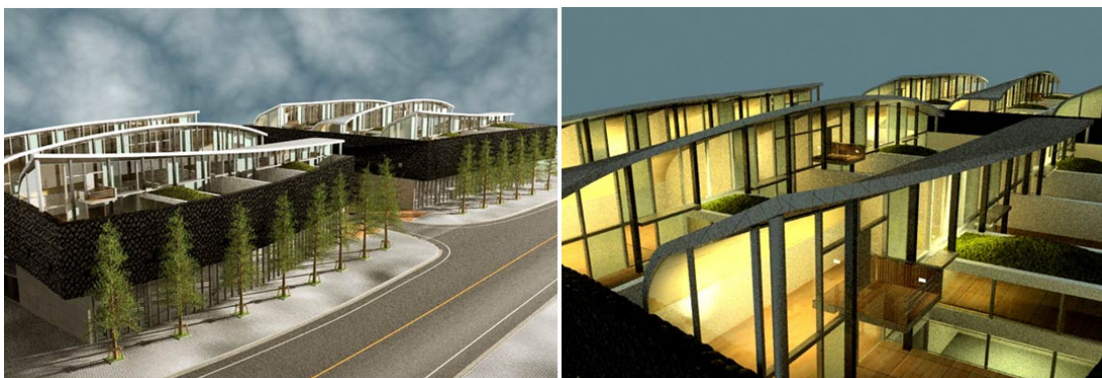


Fig. 25 - Vista Tridimensional das habitações Nexus House
Fonte: <http://arx.novosibdom.ru/node/1866>; Acedida a 09/09/2014

V. PROJETO

1. Introdução

Os projetos surgem no âmbito da disciplina Projeto de Arquitetura, consiste na realização de dois edifícios de habitação coletiva. Estes projetos também constituem os casos práticos da Dissertação de Mestrado “A Casa Pátio como um Modelo de Habitação Contemporânea” procura explorar as tipologias de casas pátio, através da sua reinterpretação e posterior adaptação a um edifício de habitação coletiva.

Neste contexto, o programa escolhido para o exercício de Arquitetura, debruça-se sobre duas cidades distintas e as suas zonas densamente povoadas. Nestas, onde a existência de espaços exteriores privados está posta em causa devido à grande proximidade de edifícios envolventes, questões como a privacidade tornam-se importantes no contexto sociocultural da atualidade. Deste modo, é pertinente a utilização de uma tipologia habitacional como a casa pátio, que permite tanto a existência de espaços exteriores privados com a utilização de pátios, como permite que toda a vivência da habitação seja virada para o seu interior, promovendo assim a intimidade e privacidade da habitação.

Também associada a esta questão, outra problemática que esta tipologia permitirá resolver, é a adaptação de novas habitações em lotes de terreno de pequena dimensão existentes em zonas de cidade com malha urbana consolidada.

A adaptação deste modelo à realidade urbana existente não pretende ser exaustiva, pretende sim demonstrar a aplicabilidade desta tipologia milenar a casa-pátio, no território respeitando as pré-existências. A tipologia apresentada tenta promover soluções para a qualificação do espaço urbano, para as contingências culturais e de densificação.

2. Caso prático em Lisboa - Edifício com dois apartamentos

Local

O local escolhido para a inserção do projeto a desenvolver, consistiu, num terreno inserido numa zona densamente povoada. Esta proposta teve como início a visualização e estudo da área envolvente. Para análise foi feito um levantamento fotográfico dos edifícios envolventes e da exposição solar do terreno.



Fig. 26 - Ortofotomaps com indicação da área de intervenção proposta.
Fonte: Google Acedida a 06/08/2014

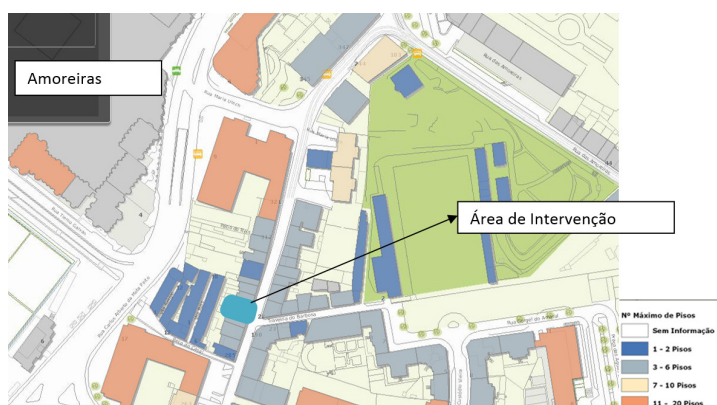


Fig. 27



Fig. 28

Fig. 27 - Planta com levantamento das cêrceas com indicação da área de intervenção.

Fonte: Francisco Tavares

Fig. 28 - Fotografia do Alçado Frontal do terreno existente.

Fonte: Fotografia de Francisco Tavares

Da análise do tecido urbano envolvente, depreendeu-se que consistia de edifícios urbanos sem qualquer relação entre eles, tanto ao nível histórico ou ao nível das suas cêrceas. Esta é uma zona onde se relacionam edifícios um pouco degradados com edifícios novos e sofisticados.

Proposta

O presente projeto consiste em duas propostas para a cidade de Lisboa, a ser implantada numa zona da cidade constituída por uma malha urbana consolidada. Para esta zona, composta tanto por uma grande diversidade de edifícios como de cêrceas, propõem-se a construção de um edifício de habitação plurifamiliar, constituído por três pisos.

Na primeira proposta o edifício é constituído por dois apartamentos, no piso térreo por um T3 e nos pisos um e dois por um T3. Está implantado numa área de 242m², apresenta uma entrada comum para os dois apartamentos.

O edifício dispõe de uma entrada comum que permite o acesso aos dois apartamentos. O apartamento T3 no piso térreo é comum às duas propostas e é formado por um *hall* de entrada que faz a distribuição para o escritório, para a zona comum e para a zona dos quartos. A colocação do escritório junto à entrada permite que este seja acedido sem ser necessário entrar nas zonas mais privadas da habitação. O escritório e a cozinha têm acesso a um pequeno pátio para permitir a ventilação e a entrada de luz.

No corredor de acesso aos quartos foi criado um vão para desta forma permitir a entrada de luz natural.



Fig. 29 - Planta Piso 0 Proposta dois apartamentos

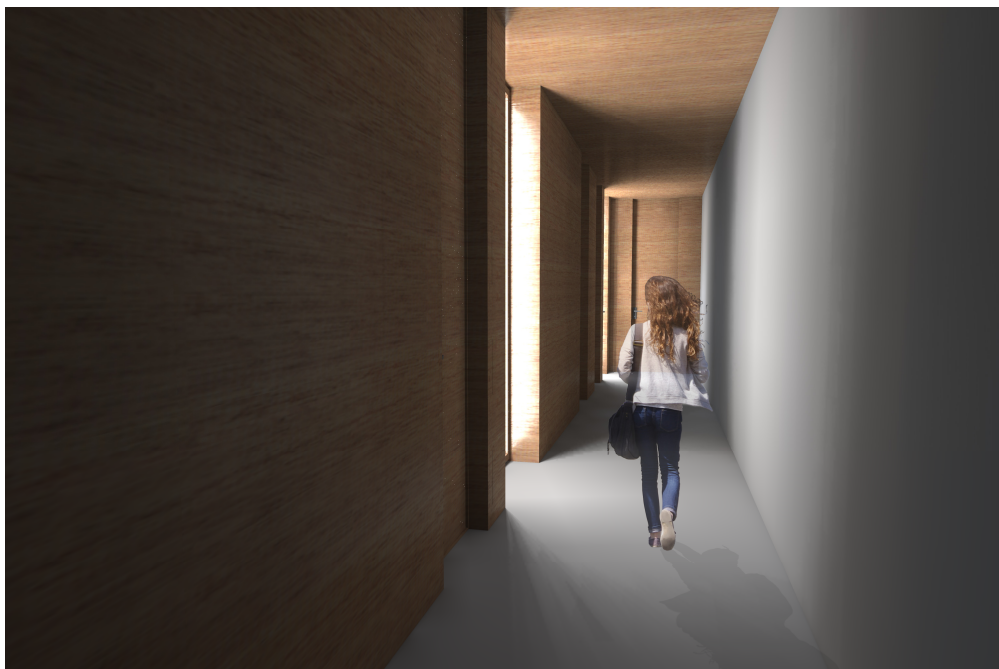


Fig. 30



Fig. 31

Fig. 30 - Representação Tridimensional do corredor de acesso aos quartos no Piso Térreo.
Fig. 31 - Representação Tridimensional do interior dos quartos do piso térreo.

No piso 1 temos a entrada para outro apartamento T3 que se desenvolve por dois pisos. No Piso 1 a entrada para o apartamento dá acesso a um *hall* de distribuição onde temos acesso para o escritório, para a zona comum e para a zona dos quartos que se encontram no piso 2. Neste piso temos três pátios, um para o escritório, outro para a sala e outro para a cozinha.



Fig. 32 - Planta Piso 1 Proposta dois apartamentos

No piso 2 estão os quartos, os quartos 1 e 2 têm um vão para o pátio do piso 1, o quarto 3 tem um pequeno pátio privativo.



Fig. 33 - Planta Piso 2 Proposta dois apartamentos

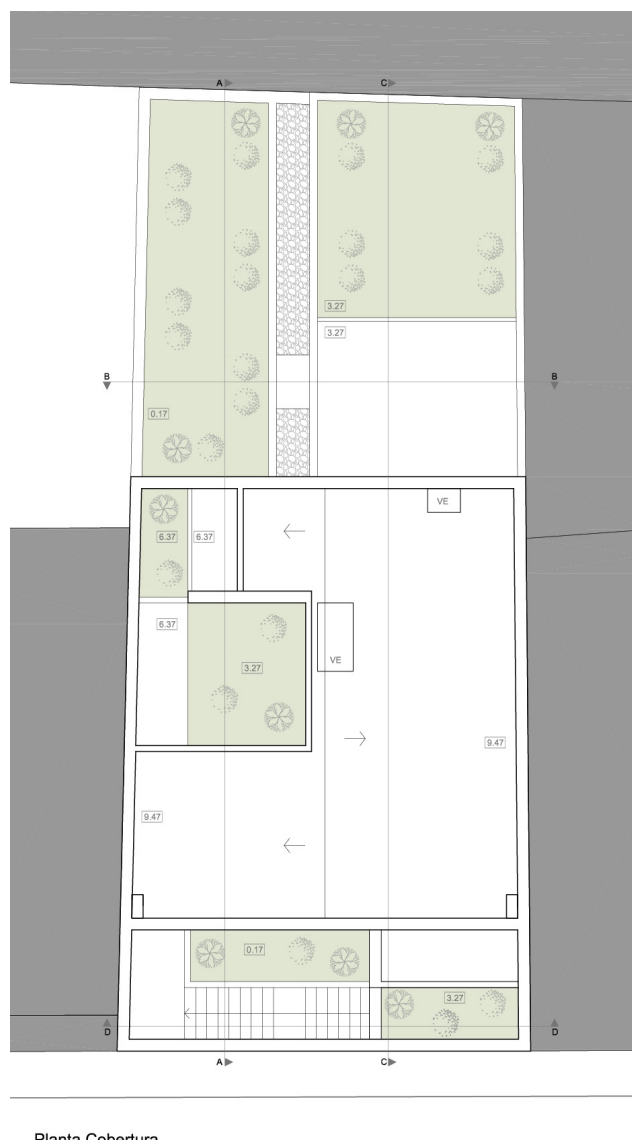


Fig. 34 - Planta de Cobertura Proposta dois apartamentos

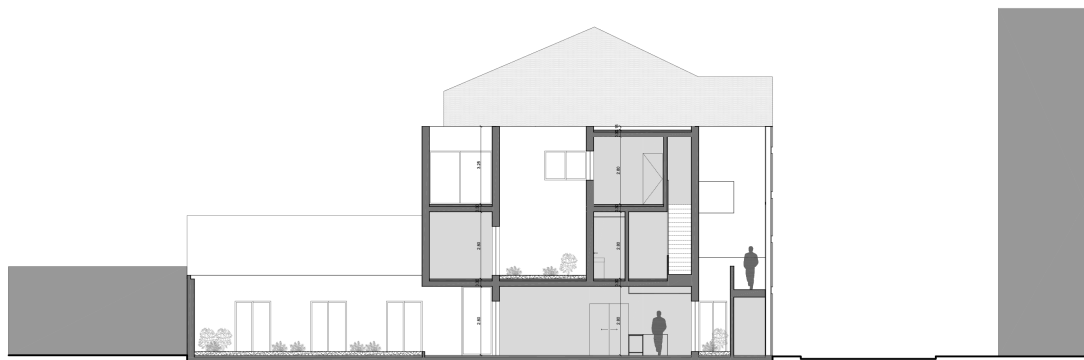


Fig. 35

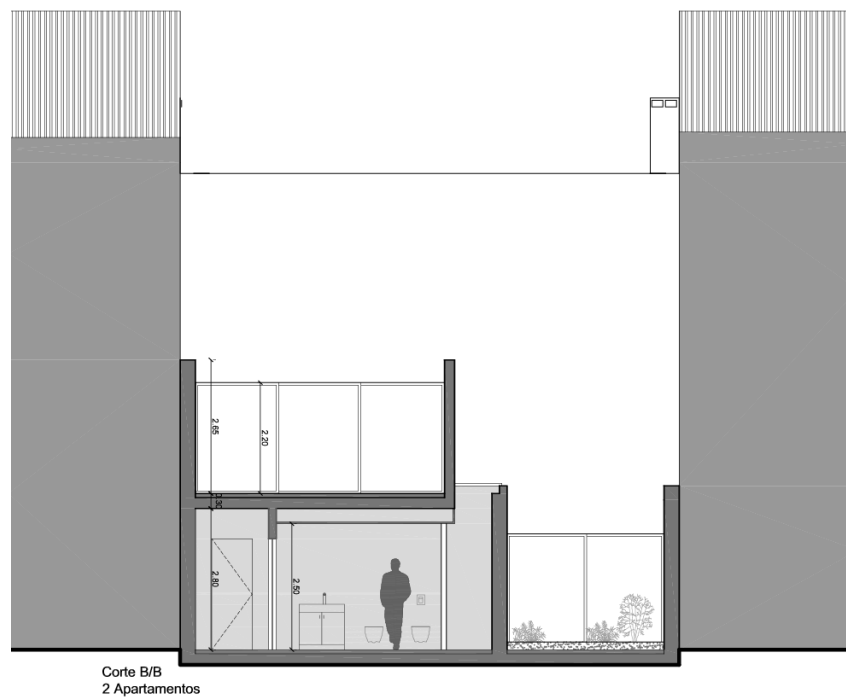


Fig. 36

Fig. 35- Corte A/A Proposta dois apartamentos

Fig. 36 - Corte B/B Proposta dois apartamentos

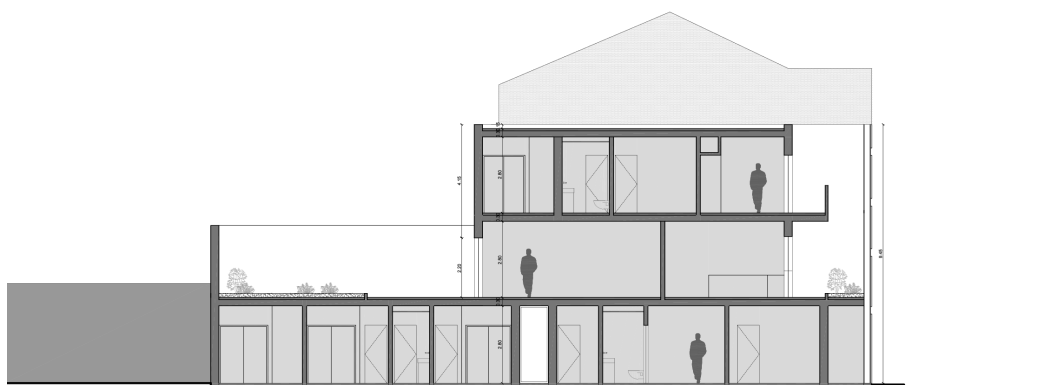


Fig. 37 Corte C/C
2 Apartamentos

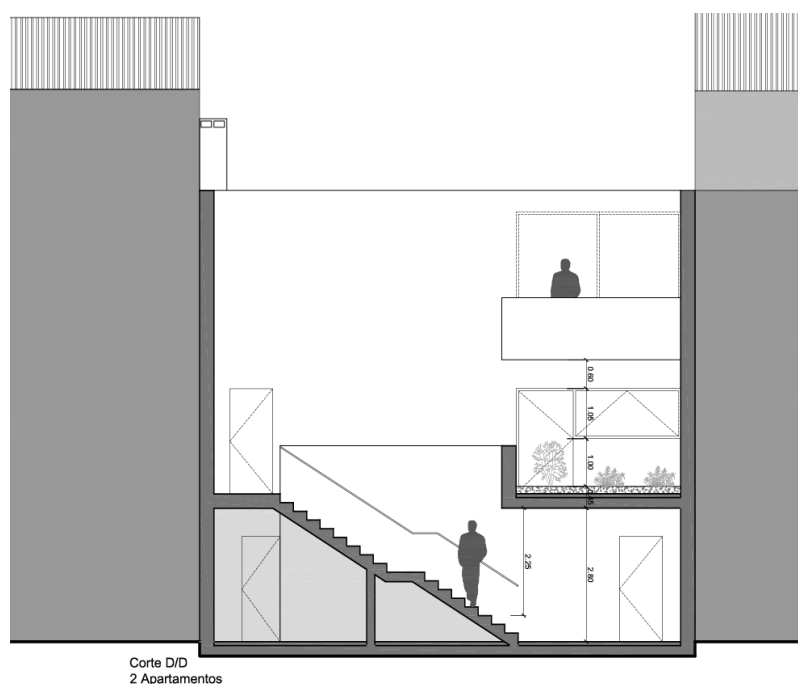


Fig. 38 Corte D/D
2 Apartamentos

Fig. 37 - Corte C/C Proposta dois apartamentos

Fig. 38 - Corte D/D Proposta dois apartamentos

O estudo do alçado partiu do estudo de um quadro do pintor Piet Mondrian, Rhythm of Black Lines.

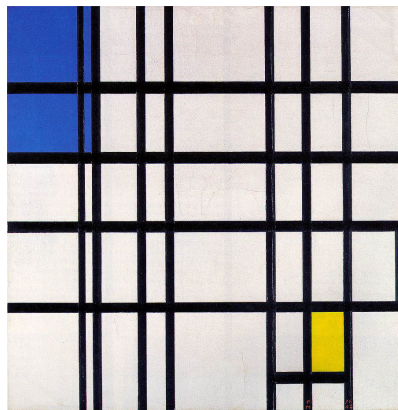


Fig. 39

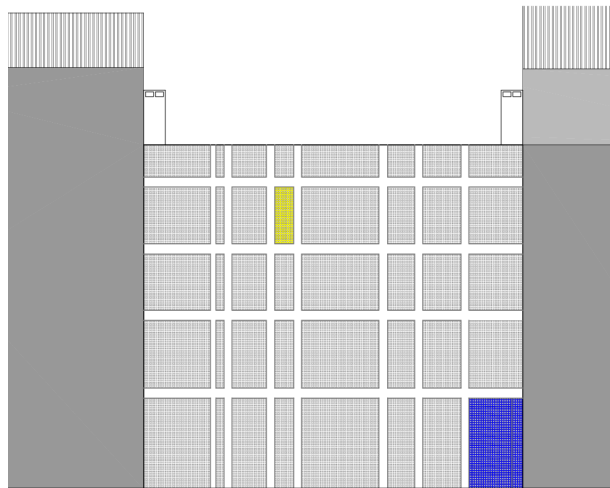


Fig. 40

Fig. 39 - Imagem do quadro do pintor Piet Mondrian, Rhythm of Black Lines
Fonte: http://www.artchive.com/artchive/m/mondrian/rhythm_of_black_lines.jpg; Acedida a 06/08/ 2014

Fig. 40 - Alçado Principal Proposta dois apartamentos

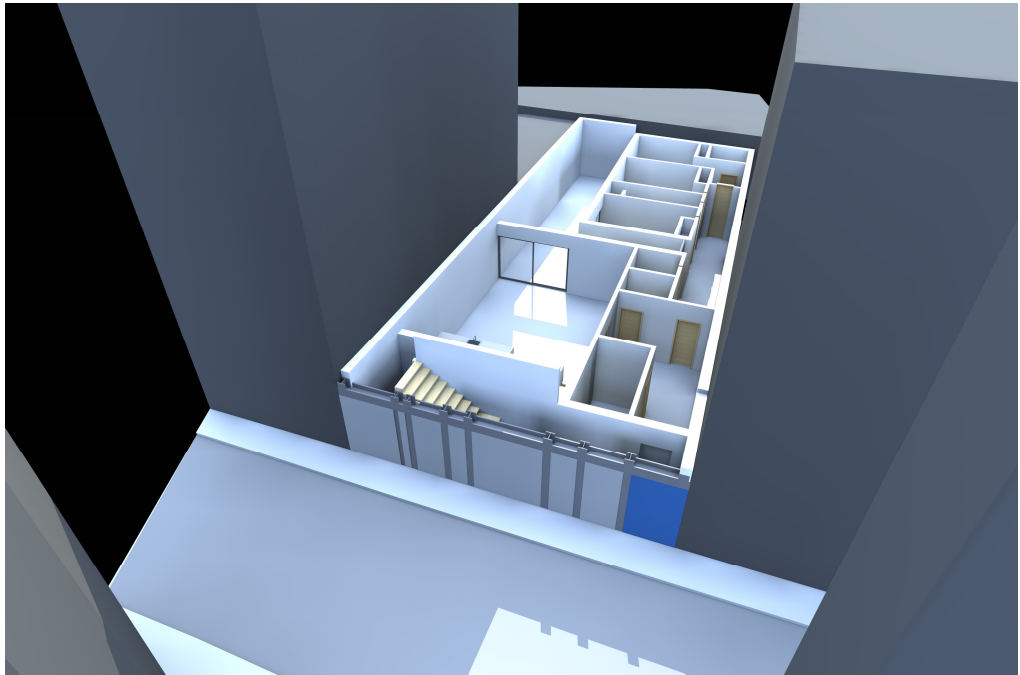


Fig. 41

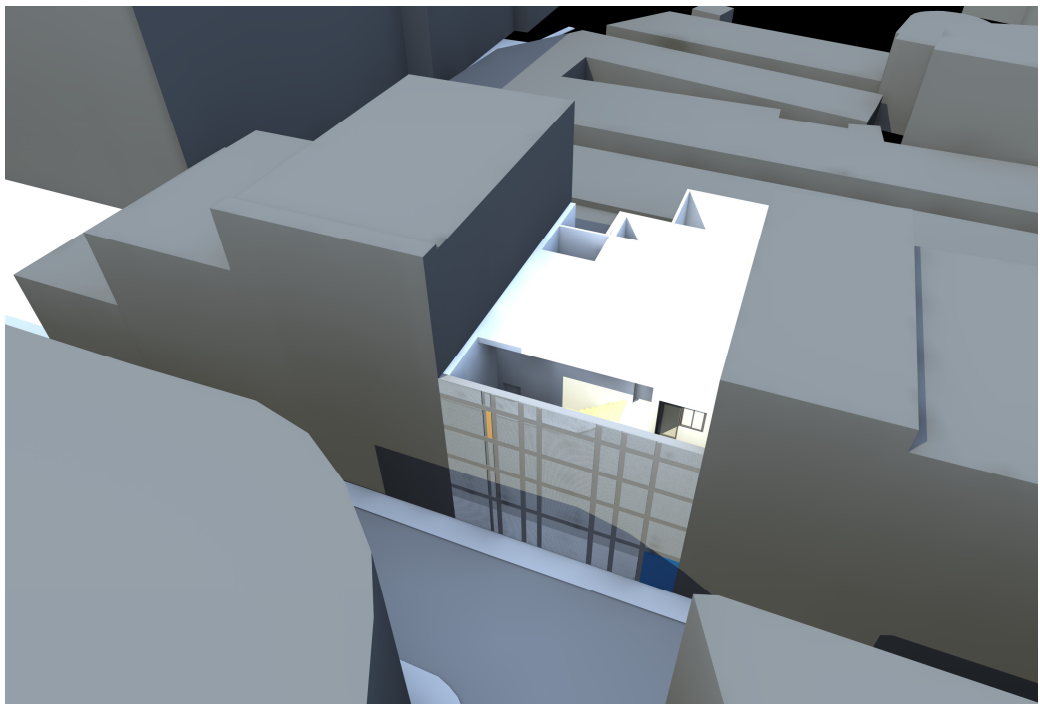


Fig. 42

Fig. 41 - Modelo Tridimensional do piso 0

Fig. 42 - Modelo Tridimensional Alçado Principal



Fig. 44 - Planta Piso 1 Proposta três apartamentos



Fig. 45 - Planta Piso 2 Proposta três apartamentos

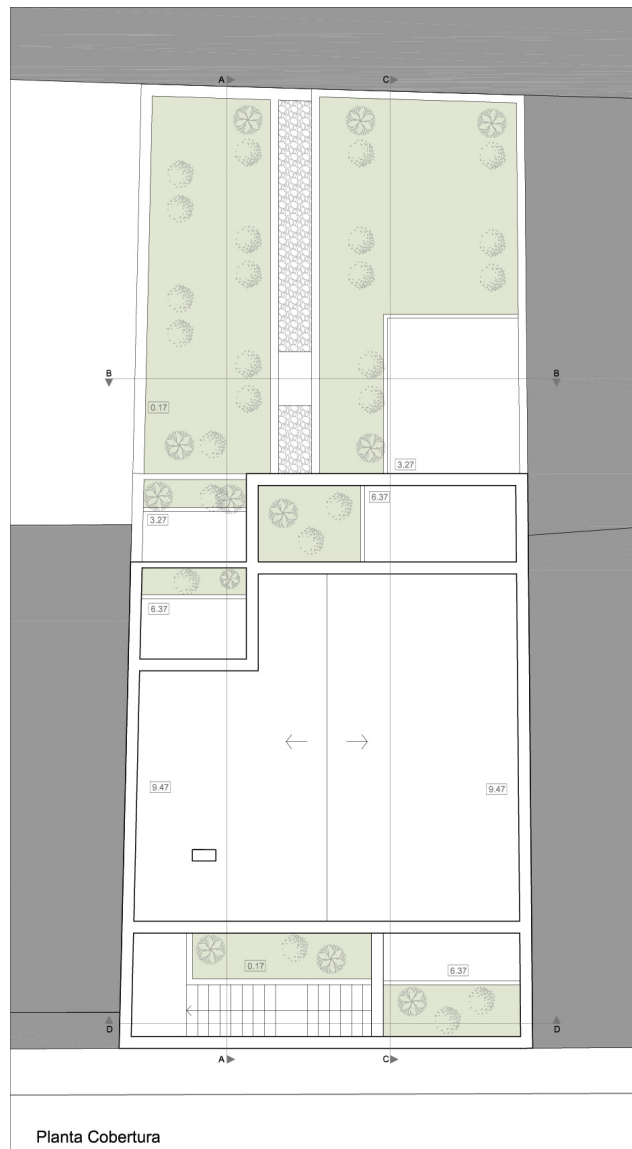


Fig. 46 - Planta Cobertura Proposta três apartamentos

Fig. 47

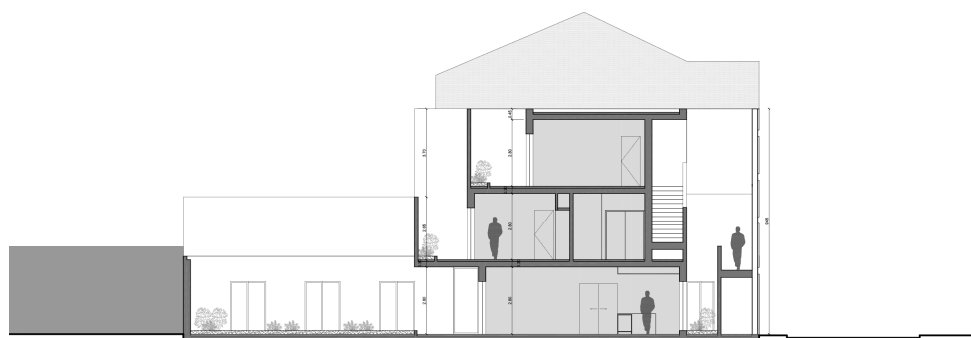


Fig. 48

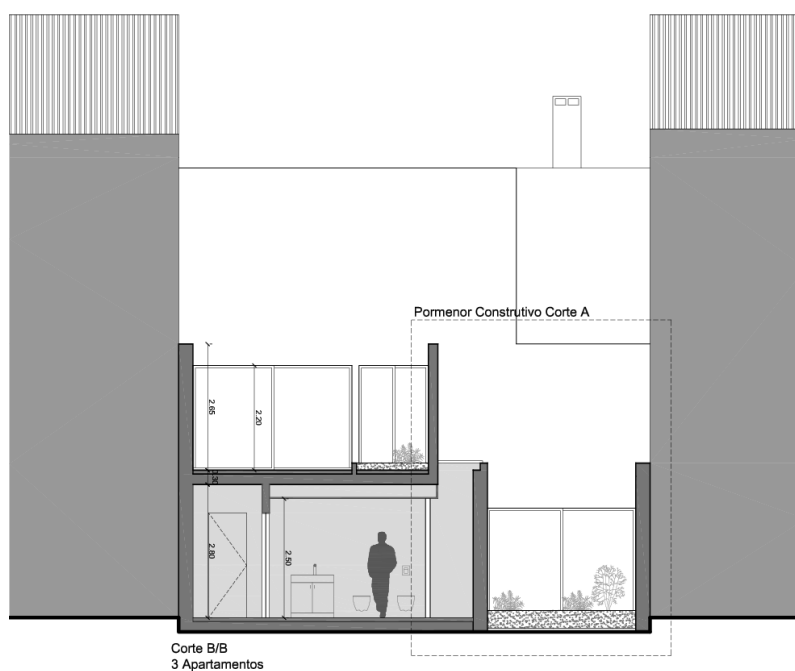


Fig. 47 - Corte A/A Proposta três apartamentos

Fig. 48 - Corte B/B Proposta três apartamentos

Fig. 49

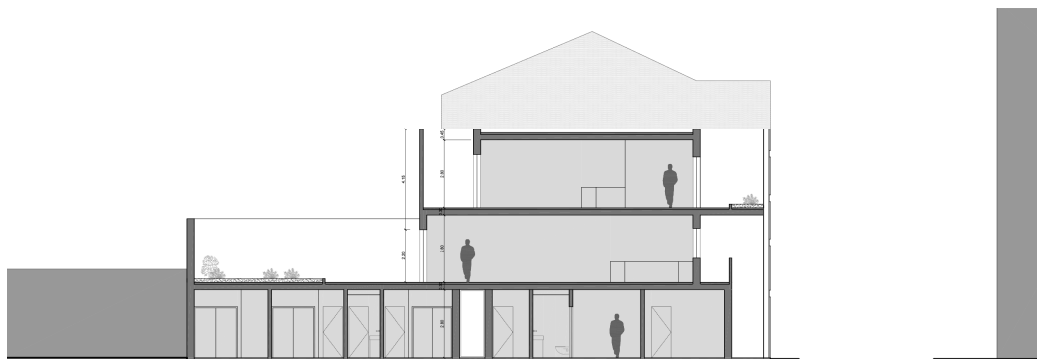


Fig. 50

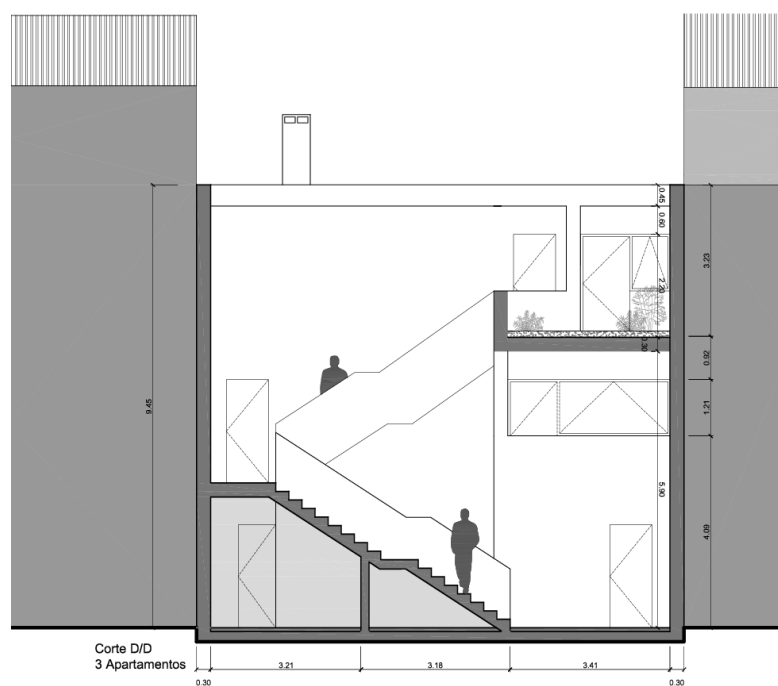


Fig. 49 - Corte C/C Proposta três apartamentos

Fig. 50 - Corte D/D Proposta três apartamentos

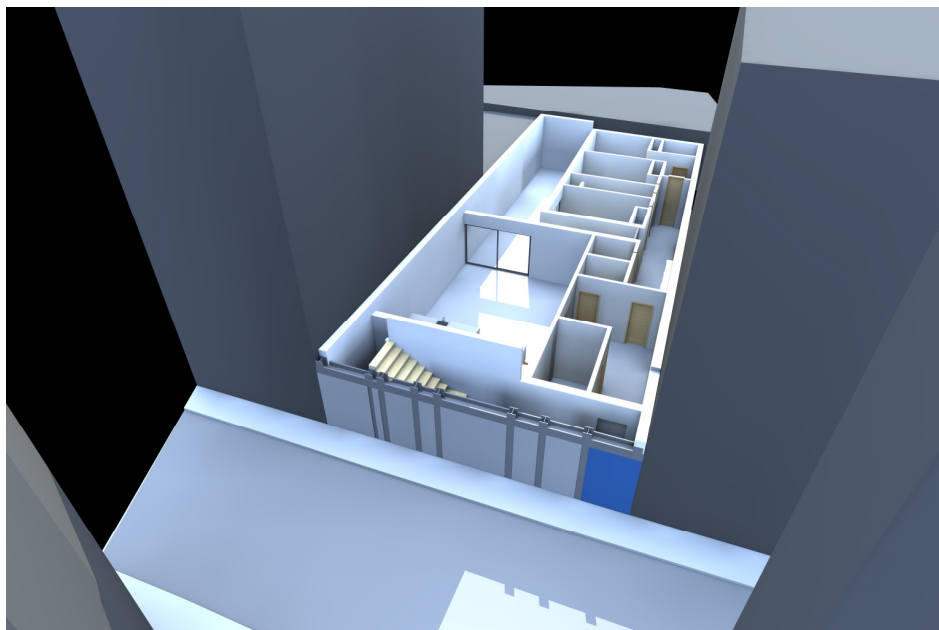


Fig. 51

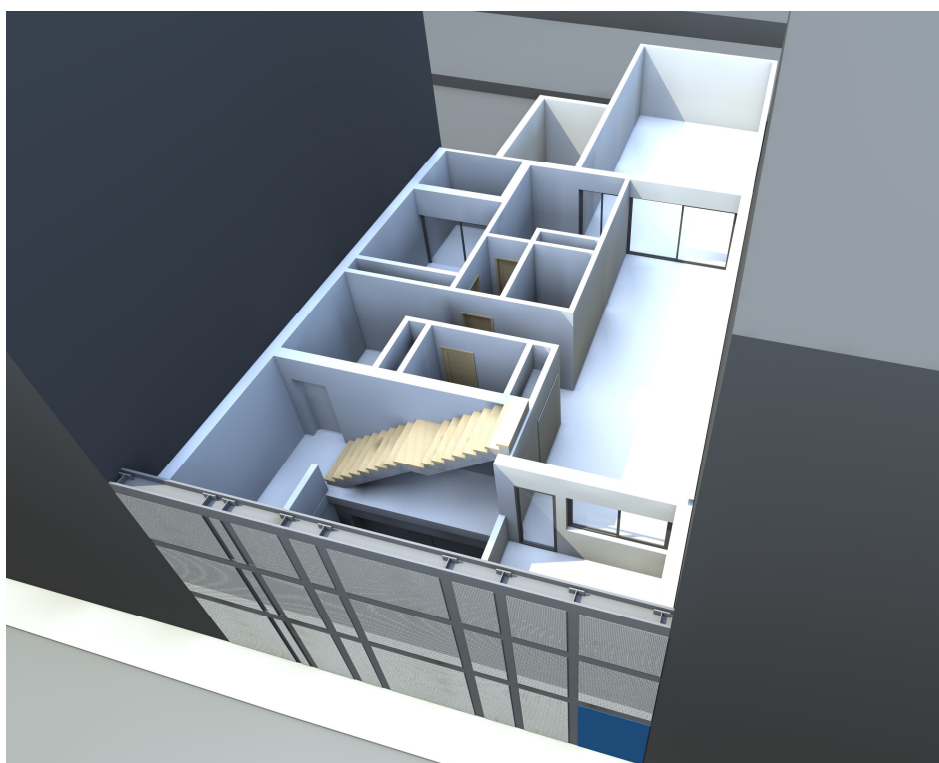


Fig. 52

Fig. 51 - Planta Tridimensional Piso 0 Proposta três apartamentos

Fig. 52 - Planta Tridimensional Piso 1 Proposta três apartamentos

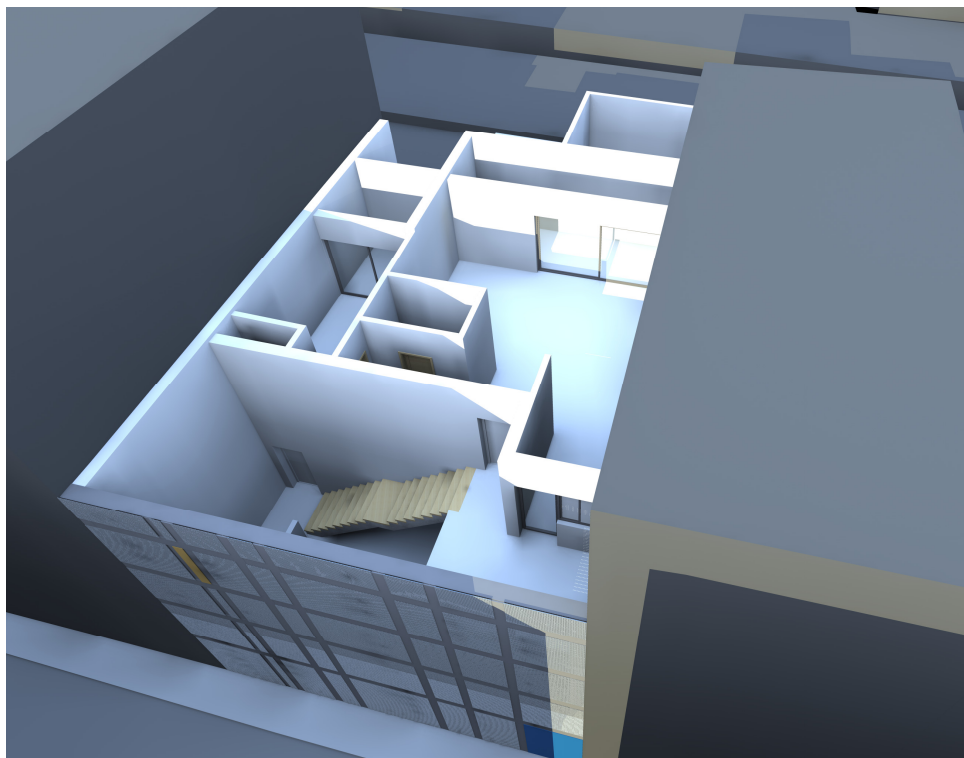


Fig. 53

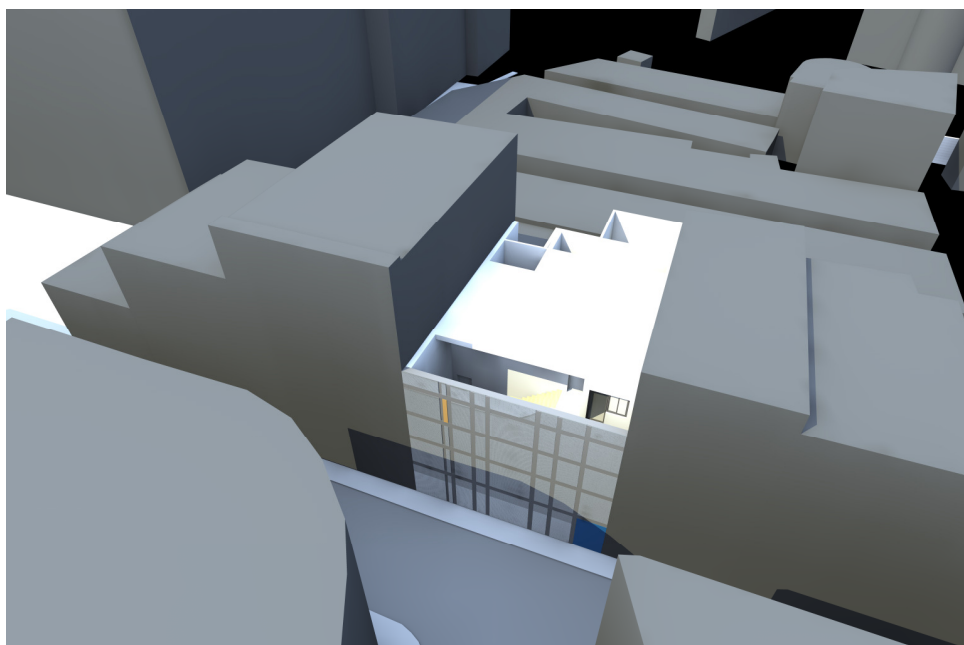


Fig. 54

Fig. 53 - Planta Tridimensional Piso 2 Proposta três apartamentos

Fig. 54 - Planta Tridimensional Alçado Principal Proposta três apartamentos

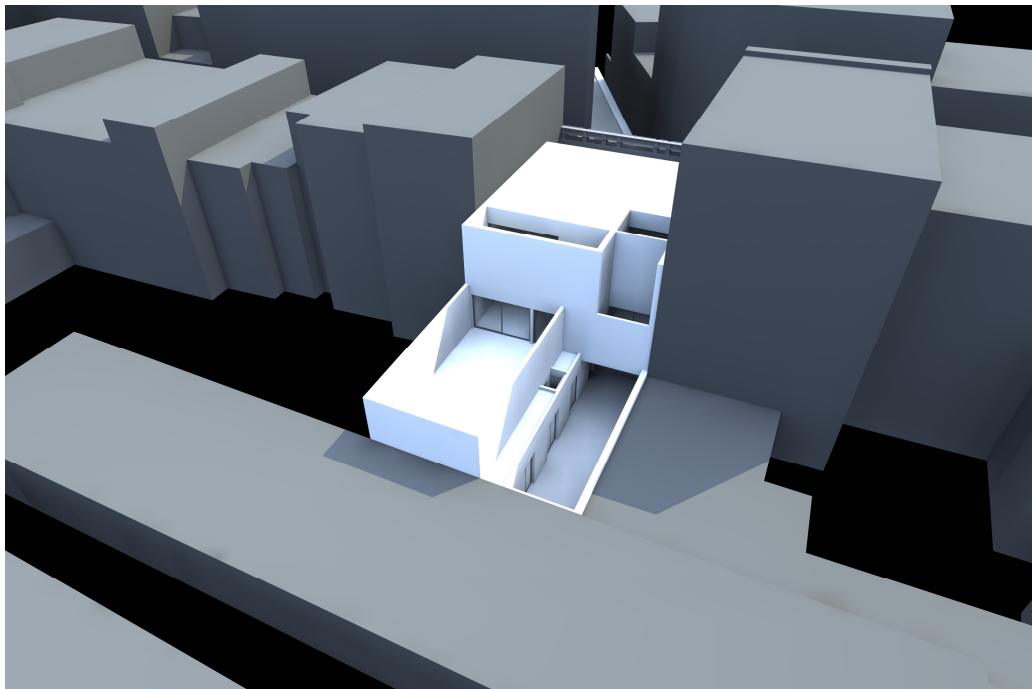


Fig. 55

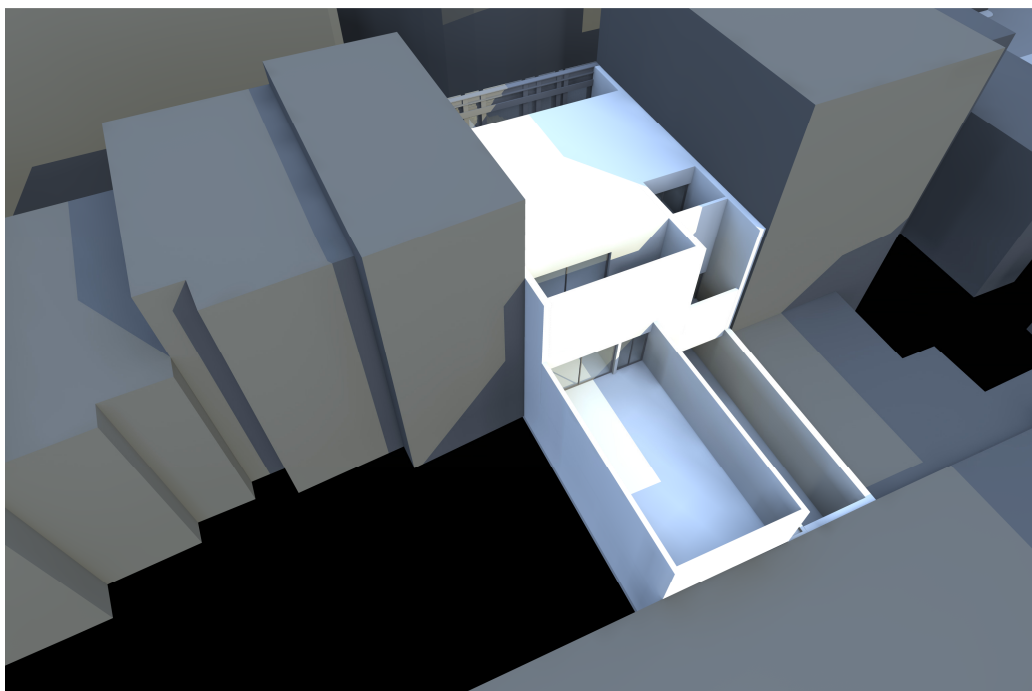


Fig. 56

Fig. 55 - Planta Tridimensional Alçado Posterior Proposta três apartamentos

Fig. 56 - Planta Tridimensional Alçado Posterior Proposta três apartamentos

4. Caso prático em Portimão

Local

O local escolhido para a inserção do projeto a desenvolver, consistiu num terreno inserido numa zona densamente povoada e degradada. Esta proposta teve como início numa visualização e estudo da área envolvente. Para análise foi feito um levantamento fotográfico dos edifícios envolventes e da exposição solar do terreno.



Fig. 57 -Ortofotomapas com indicação da área de intervenção proposta. FonteE: Google Acedida a 02/07/2014

Da análise do tecido urbano envolvente, depreendeu-se que consistia de edifícios urbanos sem qualquer relação entre eles, tanto ao nível histórico ou ao nível das suas cercas. Embora as diferenças não sejam tão evidentes como na zona estudada em Lisboa.

Fig. 58 - Fotografia do Alçado Frontal do terreno existente.
Fonte: Fotografia de Francisco Tavares



Proposta

O presente projeto consiste numa proposta para a cidade de Portimão, a ser implantada numa zona junto ao centro histórico da cidade constituída por uma malha urbana consolidada. Para esta zona, composta tanto por uma grande diversidade de edifícios como de cérceas, propõem-se a construção de um edifício de habitação plurifamiliar, constituído por dois pisos.

O edifício, constituído no piso térreo por um T2 e no piso um por um T1 está implantado numa área de 139m² e apresenta duas entradas principais distintas, ou seja, cada entrada corresponde ao acesso exterior a cada tipologia.



Circulação
 Cozinha
 Sala
 I.S.
 Acesso Piso 1
 Pátios
 Quartos
 Edifícios Envolvente

Fig. 59 - Planta Piso 0



Fig. 60 - Planta Piso 1

O apartamento T2 no piso Térreo apresenta uma dupla entrada, formando um pequeno *hall*. A porta exterior é uma porta metálica em chapa perfurada que permite a entrada de luz e a ventilação da cozinha através de uma janela. A segunda entrada é em vidro opaco que permite ao utilizador ter a percepção do volume da cozinha em betão armado como um elemento maciço que liga o interior e o exterior.

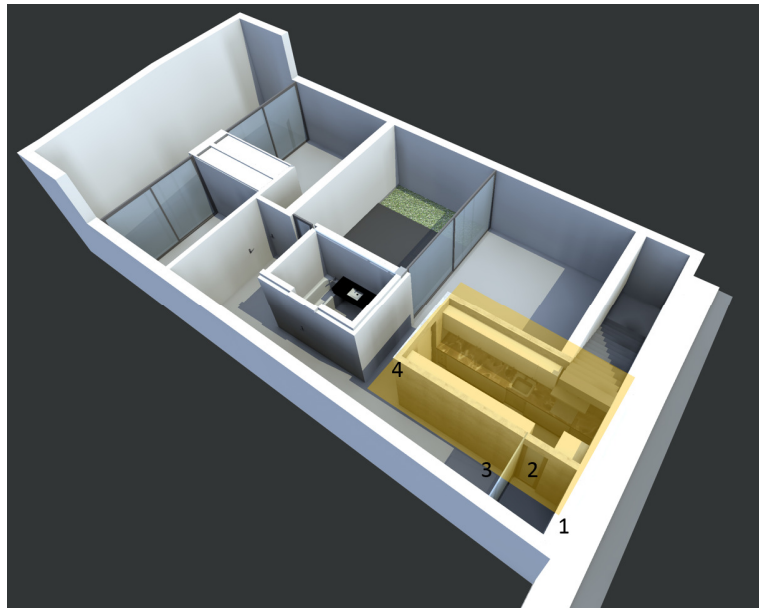


Fig. 61

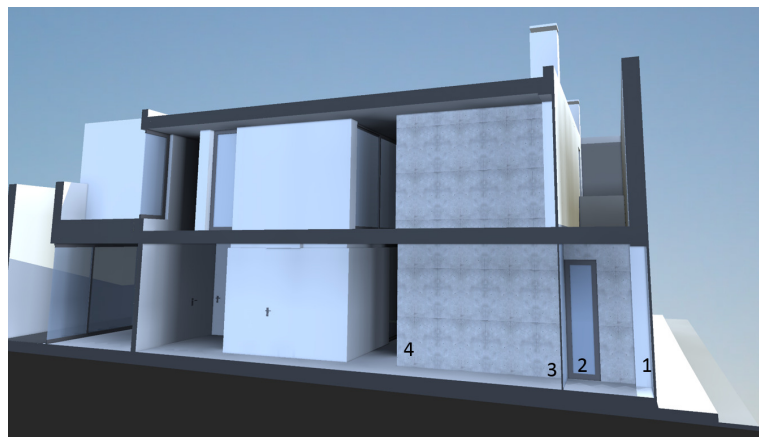


Fig. 62

Fig. 61 - Representação tridimensional do Piso 0

Fig. 62 - Corte tridimensional

Legenda

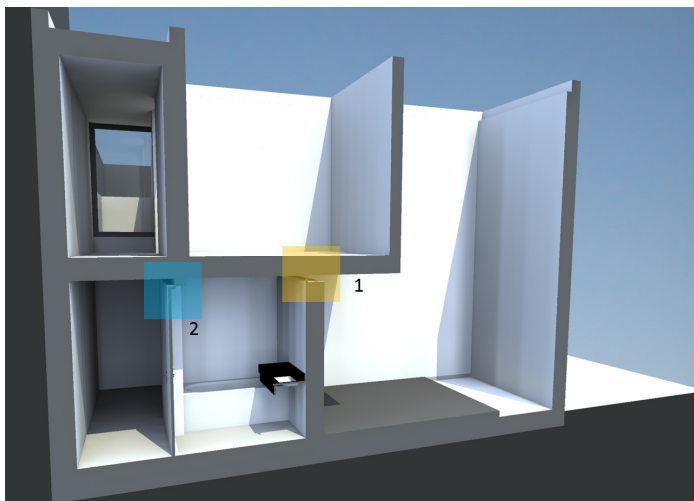
1. Porta exterior metálica em chapa perfurada.
2. Vão de alumínio para a cozinha
3. Porta entrada em vidro opaco
4. Volume da cozinha em betão armado

Na parede exterior da instalação sanitária existe uma separação da laje, um “rasgo” de 10cm que serve para entrada de luz e para ventilação. Esta separação continua para o interior fazendo com que pareça que o núcleo da instalação sanitária não toca no teto.

Fig. 63 - Corte tridimensional

Legenda

1. Separação exterior que permite a entrada de luz e a ventilação
2. Separação no interior



A parede exterior da zona dos quartos teve de ser aumentada em altura para impedir a vista para o pátio do edifício vizinho. Embora esta parede esteja mais alta do que foi previsto inicialmente, ela permite a entrada de luz até ao limite interior dos quartos.

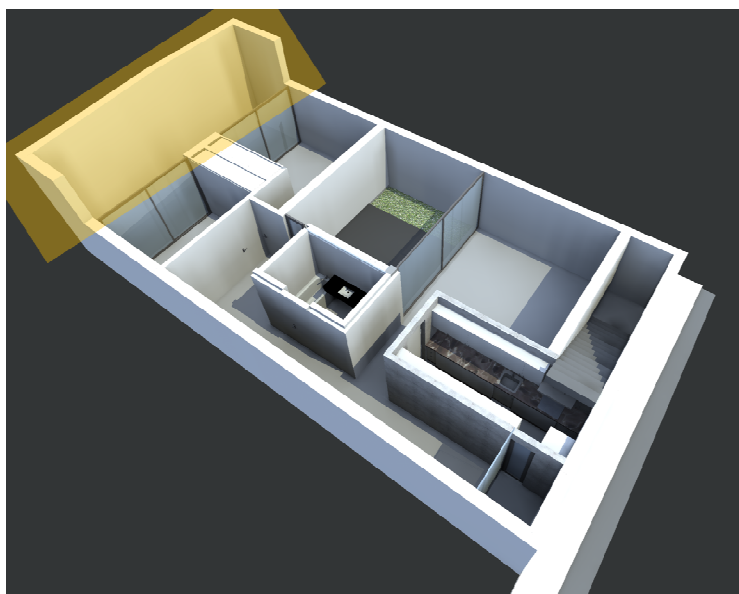


Fig. 64 - Representação tridimensional do Piso Térreo

As portas interiores são para ser sem guarnição, ficam à face da parede do corredor e vão até ao teto. As imagens a seguir representam o pretendido e são da Empresa “GHIZZI & BENATTI” modelo Rio Zero.

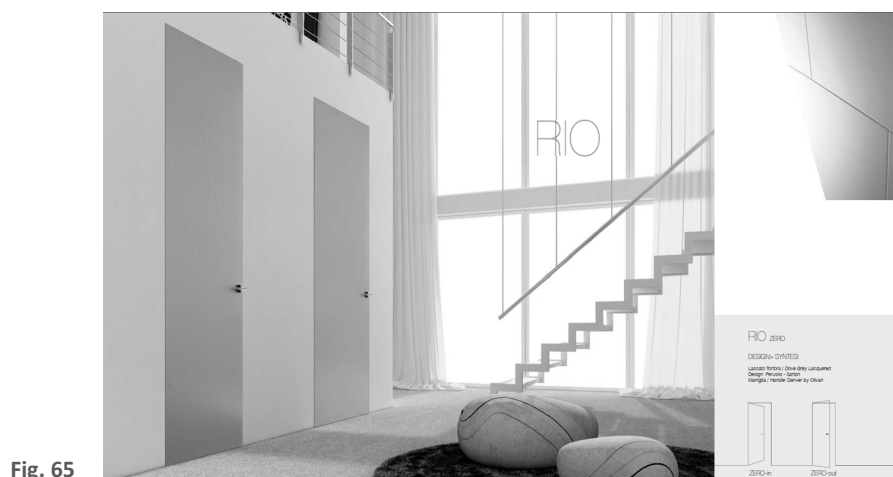


Fig. 65

Zero-out

PORTA FILO MURO A TIRARE
PULL OPEN SWING DOOR FLUSH WITH THE WALL
APPLICAZIONE SU MURATURA – WALLING UP APPLICATION

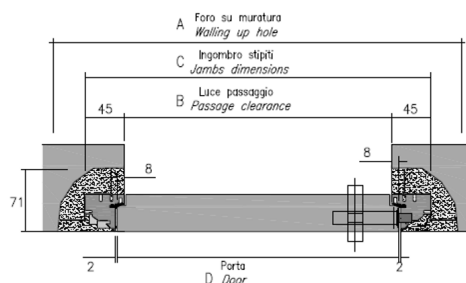


Fig. 66

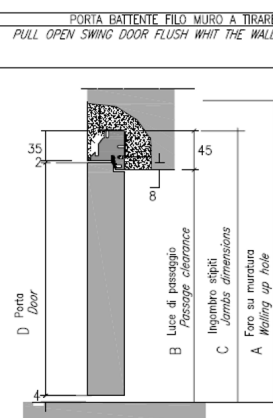


Fig. 65 - Vista das portas interiores.
Fonte: <http://www.ghizziebenatti.it/en/collections/design/163-rio-zero> Acedido a 19/08/2014.

Fig. 66 - Pormenor das portas interiores.
Fonte: <http://www.ghizziebenatti.it/en/collections/design/163-rio-zero> Acedido a 19/08/2014.

No piso Térreo foram criados dois armários em betão armado de modo a criar quer uma separação entre a zona de entrada e a sala, como separar a sala da cozinha, mantendo assim a mesma linguagem do piso Térreo (assinalado com 1 e 3 nas imagens 6 e 7).

Ao fundo do corredor de entrada foi criada uma floreira elevada para dar a imagem de ligação com o exterior. As paredes exteriores ficaram mais baixas do que inicialmente previsto para possibilitar a entrada de luz para uma habitação que fica adjacente.

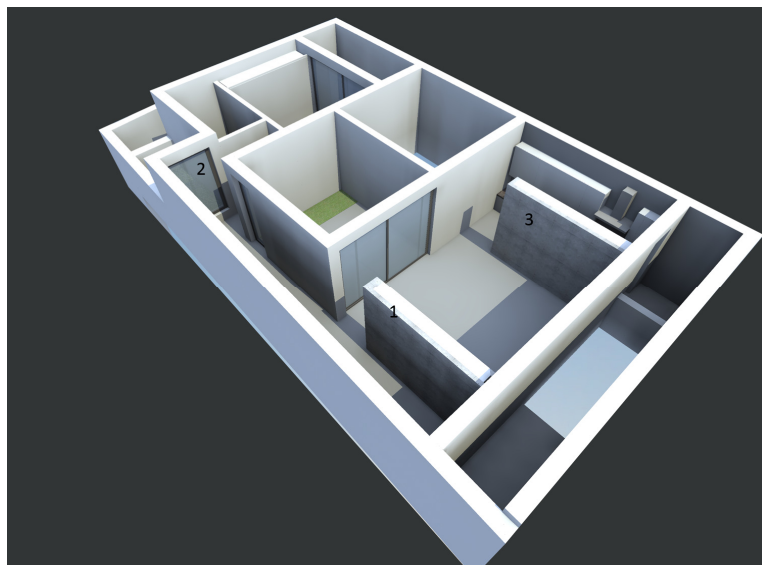


Fig. 67

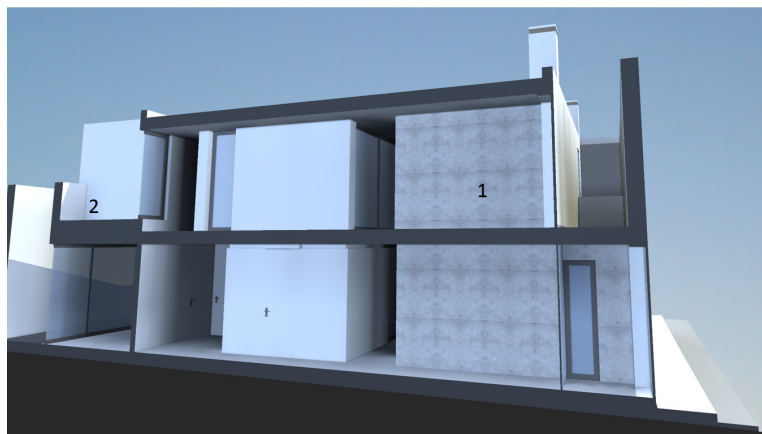


Fig. 68

Fig. 67 - Planta tridimensional Piso 1

Fig. 68 - Corte Tridimensional

Legenda

1. Parede/armário em betão armado de separação da entrada com a sala.
2. Floreira.
3. Parede/armário em betão armado de separação da sala com a cozinha.



Fig. 69 - Estudo do Sol no Solstício de Verão às 09.00hr

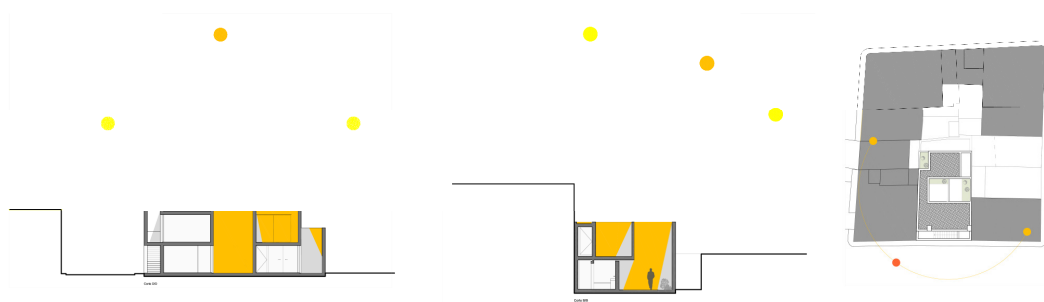


Fig. 70 - Estudo do Sol no Solstício de Verão às 13.00hr

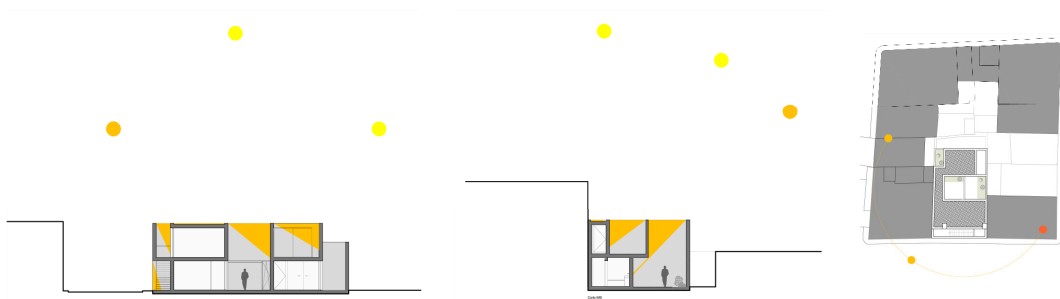


Fig. 71 - Estudo do Sol no Solstício de Verão às 17.00hr

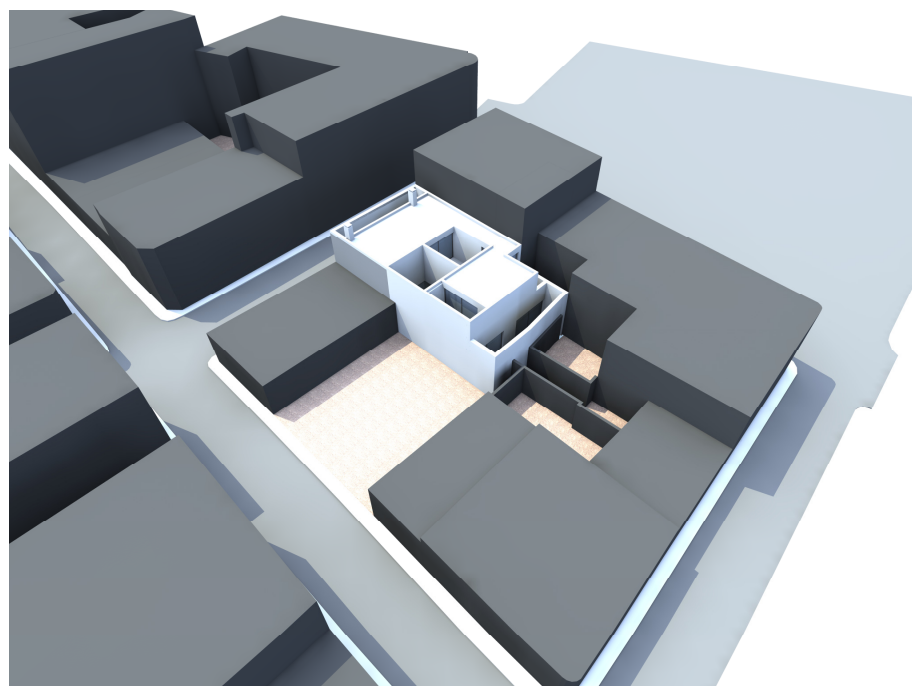


Fig. 72 - Imagem Tridimensional da implantação.

Aspetos construtivos e materiais

Na opção dos métodos construtivos e na seleção dos materiais a serem utilizados nos acabamentos exteriores dos edifícios, tive em conta as exigências técnicas para o cumprimento do Regulamento das Características de Comportamento Térmico Edifícios, no que diz respeito quer à salvaguarda das condições de conforto térmico sem necessidade excessiva de gastos de energia, (parede exterior com alvenaria de blocos de termo argila, com isolamento térmico aplicado pelo exterior – sistema “Cappotto”).

Assim propõe-se os seguintes materiais para os acabamentos exteriores dos edifícios:

Fachadas:

- Barramento com massas coloridas brancas
- Barramento com massas coloridas

Vãos:

- Caixilharia em alumínio lacado na cor branca

Capeamentos:

- Em zinco

Caracterização Geral Construtiva e Material das três propostas

Para as três propostas foram utilizados os mesmos princípios construtivos. Prevê-se uma estrutura de betão armado com algumas lajes em consola pré-esforçadas, complementado por paredes interiores de alvenaria de tijolo vazado e caixa-de-ar ventilada com isolamento térmico, na qual se prevê a passagem de algumas condutas ou infraestruturas elétricas.

A compartimentação interior será composta maioritariamente por paredes simples de tijolo vazado, posteriormente rebocadas, estanhadas e pintadas, ou no caso das zonas húmidas revestidas a mármore compacto, e no caso da proposta de Portimão algumas paredes em betão armado.

Para os pavimentos, prevê-se a utilização generalizada de autonivelantes com base em resinas de epóxi.

A cobertura será isolada termicamente e devidamente impermeabilizada com telas asfálticas, a fim de ser revestida com seixos rolados, tipo godo, e terra vegetal sendo todos os elementos salientes na cobertura como muretes, lanternins, chaminés, revestidos a chapa de zinco.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, entretanto finalizada, foi um momento de reflexão sobre o tema casa-pátio. Sendo um tema tão vasto, apenas foi afluído, focando a investigação nas questões necessárias para demonstrar a longa história desta tipologia e a sua importância e aplicabilidade na contemporaneidade.

Neste contexto, verificou-se como essencial e indispensável a relação entre a teoria e a prática para a realização de um projeto de arquitetura, no sentido em que um arquiteto deve possuir a capacidade crítica, apoiada num método de investigação, pesquisa e reflexão, que apoia a prática de projeto. Este método completo faz emergir um projeto baseado numa verdadeira base de trabalho, onde os projetos adquirem uma história que lhes confere sentido e caráter.

Embora surgindo associado a determinadas regiões, o pátio têm-se desenvolvido ao longo dos séculos, ocupando o seu lugar em várias regiões do mundo, mostrando flexibilidade ao desenvolver-se em culturas e épocas tão distintas. Esta capacidade de adaptação do pátio, demonstra a importância na forma como o Homem ocupa o espaço e se relaciona com ele, desde as épocas mais remotas.

Este olhar sobre o passado torna-se assim essencial e útil ao se relacionar com os problemas do mundo contemporâneo, uma vez que através dele, reconhecemos formas de atuar perante situações idênticas.

O mundo contemporâneo como palco das diversas manifestações da vida humana demonstra através da arquitetura, as constantes sobreposições temporais e histórico-culturais da humanidade. As cidades contemporâneas como resultado deste processo podem ser assim interpretadas como a herança, memória e manifestação de culturas provenientes de um conjunto de sociedades que as habitaram. (Abilio Guerra, 2009)

Com o fenómeno de crescimento das cidades e a movimentação da população do meio rural para a cidade e respetivas novas áreas suburbanas, originaram diversas problemáticas como a insalubridade da cidade enquanto tecido urbano

devido ao excesso de construção e défice de espaços verdes, e o abandono por parte da população e, conseqüente, degradação de determinados edifícios por não reunirem as condições necessárias para satisfazer as necessidades humanas.

Apesar da já crescente preocupação e importância atribuída aos espaços verdes nos grandes centros urbanos, ainda subsiste na realidade das nossas cidades, um elevado número de edifícios devolutos e abandonados por não responderem aos requisitos impostos pela sociedade atual. É neste contexto, que a reabilitação e a requalificação de edifícios esquecidos, tanto pela população, como pelo tempo, surgem como um instrumento essencial na nova forma de entender e intervir na cidade. Este instrumento, pode ser assim, entendido enquanto um conjunto de procedimentos que procuram trazer vida, criando condições favoráveis de conforto e habitabilidade consolidando a massa construída.

É precisamente, na sequência deste argumento que surge nesta dissertação, a importância da reflexão sobre o realidade e futuro das cidades, representando uma questão importante no desenvolvimento dos dois projetos desenvolvidos e aqui apresentados sempre associados à reinterpretação do conceito da casa pátio, que aqui surge enquanto solução para as habitações das cidades presentes e futuras.

Como continuidade deste estudo teórico surge a definição dos edifícios que pretendem ser o resultado da capacidade crítica face aos problemas encontrados no contexto específico das cidades de Lisboa e de Portimão. A arquitetura não tendo soluções predefinidas, pode encontrar apoio nas estruturas tradicionais, que ao terem sido repetidas e adaptadas inúmeras vezes ao longo dos tempos, tornam-se elementos de sucesso, capazes de responder às necessidades intemporais do Homem. Nestes projetos utilizou-se o pátio, reinterpretando-o enquanto elemento tradicional, oferecendo assim uma solução para as necessidades da sociedade atual.

As duas cidades escolhidas, diferentes tanto na sua dimensão, localização e temperatura, permitiram comprovar a aplicabilidade do conceito. Ou seja, conjugando o habitar, o trabalhar e o lazer, numa tipologia inserida em bairros

com problemas tão distintos, como por exemplo em Lisboa; o trânsito, o ruído, a grande dimensão dos edifícios envolventes que retiram a privacidade à habitação; ou em Portimão a degradação, o abandono dos edifícios e um meio social bastante problemático. A tipologia de pátio surge assim como uma possível solução capaz de responder às necessidades da sociedade contemporânea, regenerando simultaneamente o tecido urbano onde os projetos estão inseridos.

Verificou-se também que a tipologia casa-pátio quando inserida em edifícios multifamiliares resulta num modelo habitacional com aplicabilidade em diversas realidades distintas, respondendo a solicitações diversas. Enquanto tipologia urbana associada à introversão do espaço residencial, mostrou que pode ser associada aos mais diversos níveis de privacidade, criando aos utilizadores a sensação de que se encontram numa habitação unifamiliar.

No entanto, a casa-pátio quando utilizada em edifícios multifamiliares, também demonstrou ser uma tipologia com limitações na sua utilização em altura. No processo de criação dos projetos de Lisboa, demonstrou-se que acima dos três pisos deixa de ser viável, porque existe um grande desperdício de área e os pátios tendem a tornar-se saguões.

A utilização do pátio não foi um apelo à tradição, mas sim a utilização de um elemento arquitetónico gerador de edifícios, que pretende ser mais um contributo para uma solução de espaço dentro de ambientes descontinuados e fragmentados.

VII. BIBLIOGRAFIA

Livros:

- Abilio Guerra, N. K. (2009). *O arquiteto e a cidade contemporânea*. Romano Guerra.
- Baeza, A. C. (2009). *A ideia construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Blaser, W. (2004). *Pátios 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nyuestros días*. (A. J. Siguan, Trad.) Barcelona: Gustavo Gili, SA.
- Brauneck, G. P. (2008). *Courtyard Houses - A Housing Typology*. Berlin: Birhauser Verlag AG.
- Capitel, A. (2004). *Las formas ilusorias en la arquitectura moderna : un ensayo sobre la inspiración*. Sevilla: Tanais Ediciones.
- Capitel, A. (2005). *La arquitectura del patio*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Goitia, F. C. (01 de 02 de 2010). *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Peters, P. (1969). *Casas Unifamiliares con Patio*. Gustavo Gili.

Teses, Dissertações e Publicações:

- Baixinho, J. A. (01 de 12 de 2010). Projecto de um edifício-praça no vazio urbano - poente à estação de entrecampos em lisboa. Lisboa.
- Coelho, A. B. (s.d.). infohabitar - Revista Semanal sobre o Habitat Humano. Lisboa.
- Eleb, M., & Châtelet, A.-M. (1997). *Urbanité, sociabilité et intimité. Des longements d'aujourd'hui*. Les Editions de l'Épure.
- Fernandes, I. M. (1 de 11 de 2012). Quarteirões Abertos. Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Gonçalves, T. S. (2008). *Breve História dos vazios - A Imagem do espaço não cosntruído - O Pátio*. Setubal: Universidade Moderna - Campus Setubal.
- Medrano, L. (Janeiro de 2004). *Casa_patio_Meninno*. Obtido de www.didato-meninno.com: http://www.didato-meninno.com/pub/LabProg3b_2009_lezione_Casa_patio_Meninno.pdf
- Neves, S. d. (01 de 05 de 2012). Pátio: Génese, Evolução Conceptual e Morfológica. Lisboa.
- Recasens, G. D.-Z. (1992). *Recurrencia Y Herencia Del Patio En El Movimiento Moderno*. Sevilla: Junta de Andalucia.
- Schoenauer, N. (2000). *6.000 Years of Housing*. New York: Library of Congress.
- Silveira, Â. C. (1999). *A Casa-Pátio de Goa*. Porto: FAUP Publicações.

Fontes da internet:

- <http://archidialog.com/tag/immeubles-villa/>
- <http://at1patios.wordpress.com/tag/courtyard-housing/>
- <https://www.flickr.com>
- <http://infohabitar.blogspot.pt>
- http://issuu.com/inesff/docs/quarteiroes_abertos
- <http://lauratallerproyectos3.blogspot.pt/>
- http://nova.fau.ufrj.br/material_didatico/FAR112-Anexo%205%20parte%20B%20v2.pdf
- <http://shaowenwang-arch1202-2008.blogspot.pt/2008/08/wall-section2-nexus-housing-1991.html>
- <http://www.vitruvius.com.br>